



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

Relatório de Estágio Pedagógico

Agrupamento de Escolas do Fundão

Cátia Filipa Martins Ferreira

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Júlio Martins

Covilhã, Junho de 2013

Agradecimentos

Durante todo o processo deste 2º ciclo de estudos e, mais especificamente, durante o estágio pedagógico, várias foram as pessoas que surgiram, apoiando-me e cedendo ajuda de valor incalculável para a concretização do mesmo. Desta forma, agradeço a todos os que me ampararam nesta jornada que visa na conclusão de um objetivo há muito, por mim traçado.

O meu agradecimento, o mais importante a meu ver, à minha família, especificamente aos meus pais, por todo o esforço e apoio que requeria o meu ingresso neste novo ciclo de estudos, designadamente a minha profissionalização.

Agradeço aos meus colegas de estágio Ana Brito, Andreia Pereira, Bruno Ribeiro e Inês Fernandes, por todas as críticas construtivas e sugestões dirigidas ao meu trabalho, ajudando-me sempre a crescer como profissional, nunca esquecendo os bons momentos, quer em trabalho, quer em lazer.

Em terceiro lugar, ao Prof. Luís Moreira, orientador de escola, por todas as sugestões, aconselhamento e todo o esforço e confiança que, em cada aluno estagiário, depositou para “ocupar” o seu lugar e desempenhar funções como docente das suas turmas.

Não esquecendo, devoto o meu obrigado a todos os professores pertencentes ao Agrupamento de Escolas do Fundão, Clara Barbosa, Marco Leite, Marco Mesquita, Júlio Gonçalves, etc, nomeadamente ao Prof. Rafael Guerreiro pelo apoio dado em todas as aspetos possíveis no que diz respeito à vertente do Desporto Escolar, e à Prof. Isabel Correia, que me transmitiu, também, conhecimento acerca da direção de turma e dos procedimentos a tomar neste processo.

Agradeço, também, a todos os docentes deste mestrado pelas críticas ao meu trabalho e empenho, muito especialmente aos Prof. Doutor Júlio Martins pela orientação deste projeto tão importante, o estágio pedagógico, e ao Prof. Doutor Aldo Costa pela orientação do estudo realizado no âmbito da unidade curricular Seminário de Investigação de Ciências do Desporto I e II.

Não de menor importância, a todos os meus amigos, especialmente à minha amiga Marina Vilela, também o meu obrigado, pela compreensão relativa à minha ausência, a todo o apoio dado e à ajuda que disponibilizou para este meu objetivo.

Em último e não menos importância, aos amigos Ana Brito, Andrew Ferreira, Bruno Ribeiro, João Rodrigues e Pedro Neves o meu agradecimento pelo auxílio impagável na conclusão deste projeto.

Resumo

Capítulo 1

O estágio pedagógico surge como um espaço de aprendizagem fundamental na formação e desenvolvimento do professor, surgindo como um conjunto de funções.

Este capítulo relata todo o processo de ensino-aprendizagem referente ao estágio pedagógico de um dos dois núcleos de estágio, realizado no Agrupamento de Escolas do Fundão, no ano letivo de 2012/2013, nomeadamente a prática letiva e a assistência de aulas. Do núcleo em causa constituíam cinco alunos estagiários, cada um responsável por uma turma, e guiados pelo professor Luís Moreira, orientador de escola. No meu caso, em particular, a prática letiva desenvolveu-se, sendo eu professora de Educação Física, numa turma de percurso curricular alternativo do 3º ciclo, 9º ano.

A estrutura deste relatório de estágio aborda, de uma forma sucinta, os objetivos, tanto meus como específicos da escola e do grupo de Educação Física, toda a lecionação a mim competente, diretoria de turma e atividades não letivas. Para finalizar, uma reflexão e considerações acerca do contributo do estágio para a minha formação como professora de Educação Física.

Este estágio mostrou-se uma grande experiência e crescimento, quer a nível profissional, quer a nível pessoal. Teve como base a aprendizagem já atingida, completando-a, dando-me maior apoio para um futuro profissional, ultrapassando os objetivos traçados.

Palavras-chave: Aprendizagem, Educação Física, Escola, Estágio Pedagógico, Ensino, Planeamento

Capítulo 2

O objetivo do presente estudo é perceber qual a influência da avaliação na motivação dos alunos do ensino secundário nas aulas de Educação Física, relativamente ao género e à área científica dos mesmos. Participaram no estudo 185 alunos, de 10º e 12º anos de escolaridade, pertencentes ao Agrupamento de Escolas do Fundão. Para a recolha de dados foi utilizado um questionário de questões fechadas, de escala de Likert, adaptado de Kobal (1996). Na análise descritiva dos dados foram utilizados a frequência, os valores médios, os valores de desvio padrão e aplicou-se o teste t de student e o teste Alpha de Cronbach. Os resultados não apresentaram associação significativa relativamente ao ano de escolaridade, género e área científica. Conclui-se que os alunos, apesar da nova legislação, continuam a estar motivados nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física, Alunos, Motivação, Avaliação

Abstract

Chapter 1

The teaching practice emerges as a space for learning basic training and teacher development, emerging as a set of functions. This chapter describes the entire process of teaching and learning for the teaching practice of one of the two training groups, held in Schools Group Fundão, in academic year 2012/2013, including teaching practice and classroom assistance. The nucleus in question constituted five student interns, each responsible for a class, and led by Professor Luis Moreira, supervisor of school. In my case, in particular, the teaching practice developed, I was a Physical Education teacher, in a class of alternative curricular path of the 3rd cycle, 9th grade. The structure of this report addresses stage, in a succinct manner, the objectives, both my school and as a specific group of Physical Education, all *lecionação* me competent board of class activities and non Semester. Finally, a reflection and considerations about the contribution of the stage for my training as a teacher of Physical Education. This stage proved to be a great experience and growth, both at the professional level, both on a personal level. Was based learning already achieved by supplementing it, giving me more support for a future professional, exceeding goals

Keywords: Learning, Physical Education, School, Pedagogical Internship, Teaching, Planning

Chapter 2

The aim of this study is to understand the influence of evaluation on motivation of secondary school students in Physical Education classes, in relation to gender and the scientific area. The subjects who participated in this study were 185 students of 10th and 12th grades belonging to the Group of Schools of Fundão. For data collection we used a questionnaire of close questions (Likert scale) adapted from Kobal (1996). In the descriptive analysis of the data we used the frequency, mean, standard deviation values and applied the Student t test and Cronbach Alpha test.

The results did not show meaningful association between gender, age, grade and scientific area.

It is concluded that students, despite the new legislation, continue to be motivated in physical education classes.

Keywords: Physical Education, Students, Motivation, Evaluation

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1	2
1. Introdução	2
2. Objetivos	3
2.1. Objetivos do estagiário.....	3
2.2. Objetivos da escola	4
2.3. Objetivos do grupo de Educação Física.....	5
3. Metodologia	6
3.1. Caracterização da escola	6
3.2. Lecionação.....	6
3.2.1. Amostra	7
3.2.1.1. Caracterização da turma 9º G	7
3.2.2. Planeamento	8
3.2.2.1. Planeamento da turma 9º G	9
3.3. Recursos humanos	16
3.4. Recursos materiais	16
3.5. Direção de turma.....	18
3.6. Atividades não letivas	20
3.6.1. Atividades do grupo disciplinar	20
3.6.2. Atividades do grupo de estágio	24
5. Considerações finais	27
6. Referências bibliográficas	28
Capítulo 2	30
Introdução	30
Metodologia	33
Amostra	33
Instrumentos	34
Procedimentos.....	34
Apresentação e Discussão dos Resultados	36
Conclusões	41
Referências Bibliográficas.....	42
Anexos	43

Lista de tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos recursos humanos.....	16
Tabela 2 - Espaços interiores	17
Tabela 3 - Espaços geridos pelos diferentes departamentos.....	18
Tabela 4 - Resultados da comparação entre anos de escolaridade, referente à avaliação da EF	37
Tabela 5 - Resultados da comparação entre géneros, referente á avaliação da EF	38
Tabela 6 - Resultados da comparação entre áreas científicas, referentes à avaliação da EF .	40

Lista de Acrónimos

AEF: Agrupamento de Escolas do Fundão
AF: Atividade Física
ASE: Ação Social Escolar
BTT: Bicicleta Todo Terreno
CD: Ciências do Desporto
CEF: Cursos de Educação e Formação
CET: Cursos de Educação Tecnológica
CP: Cursos Profissionais
DE: Desporto Escolar
DT: Diretor de Turma
EE: Encarregados de Educação
EF: Educação Física
EFA: Cursos Educação e Formação Adultos
EP: Estágio Pedagógico
NEE: Necessidades Educativas Especiais
PA: Planeamento Anual
PCA: Percurso Curricular Alternativo
PDE: Programa do Desporto Escolar
PNEF: Programa Nacional de Educação Física
SASE: Serviço de Ação Social Escolar
UD: Unidade Didática
UBI: Universidade da Beira Interior

Introdução

O presente relatório é o culminar de um trajeto iniciado no curso de licenciatura em Ciências do Desporto (CD) na Universidade da Beira Interior (UBI). É elaborado com base numa reflexão integral de todo o processo de avaliação e segundo linhas orientadoras do Estágio Pedagógico (EP). Retrata todas as tarefas por mim desempenhadas, sempre com o objetivo primordial de aprendizagem e formação profissional. A par do EP foi realizado um estudo inerente à unidade curricular de Seminário de Investigação de Ciências do Desporto I e II. Estudo que teve como base investigadora a 1º semestre e, no seguinte semestre, a sua aplicação prática, nomeadamente na escola onde realizado o EP.

Neste ano foi esperada a aquisição básica de competências pratico-pedagógicas, permitindo aos professores estagiários uma base para o início da sua vida profissional, passando por experiências, tendo como sempre o objetivo de minimizar os erros enquanto professores novatos e adquirir o máximo de competências possíveis.

O Capítulo 1 debruça-se no EP realizado no Agrupamento de Escolas do Fundão (AEF) durante este ano letivo de 2012/2013 e traduz o trabalho neste realizado. Dá a conhecer a escola e todos que dela fazem parte e, também, as competências por mim desempenhadas durante os últimos dez meses.

No Capítulo 2 está presente o projeto científico como forma de avaliação da unidade curricular de Seminário de Investigação de Ciências do Desporto I e II que tem como tema *A influência da avaliação na motivação nas aulas de Educação Física, no ensino secundário*. O propósito deste estudo passou pela implementação da nova legislação que diz que a avaliação de Educação Física (EF) contribui apenas para a nota final de conclusão do ensino secundário e nunca para a média de acesso ao ensino superior, exceto a alunos que ingressem em cursos relacionados com Desporto. Tal notícia gerou e continua a gerar polémica já que desvaloriza a disciplina de EF, o que nos despertou interesse no tratamento do tema.

Capítulo 1

1. Introdução

O EP permite ao aluno a aquisição de competências do processo ensino-aprendizagem, centrando-se numa dinâmica de aperfeiçoamento da pedagogia praticada na escola, na perspectiva do benefício dos alunos e da comunidade educativa (regulamento de estágio UBI).

Em traços gerais, o estágio aborda quatro grandes áreas - ensino-aprendizagem, direção de turma/relação com o meio, desporto escolar (DE) /intervenção na escola e atividade de caráter científico-pedagógico. Respetivamente, cada área corresponde à lecionação e colaboração nas atividades da turma atribuída ao estagiário, assim como participação no ensino e avaliação das restantes turmas do orientador de escola; à relação diretor de turma (DT) - encarregados de educação (EE), como responsabilidades de conselho de turma e coordenação entre professores; ao acompanhamento de um grupo de DE, quer em colaboração e concretização de treinos, quer em competição; à promoção de atividades de dinamização do estabelecimento de ensino. Contudo, o percurso percorrido deve ser abordado, como referido acima, de uma forma absoluta já que todas as áreas estão intimamente relacionadas e que, inclusivamente se complementam na formação profissional do estagiário.

Dito isto, apesar da ligação entre os pontos gerais, pontos mais específicos delimitaram a intervenção pedagógica e serão, conseqüentemente, abordados e tratados. Portanto, após este ponto introdutório seguem-se, numa lógica mais global, a caracterização e objetivos da escola, numa fase final uma reflexão geral e considerações finais acerca do relatório, bem como, numa lógica mais tratada, uma vertente mais prático-pedagógica.

É de considerar que o relatório de estágio provém de uma expressão individual do leque de experiências pedagógicas recolhidas durante o EP, no entanto o Programa Nacional de Educação Física (PNEF), referente ao 3º ciclo, defende que deve haver coordenação entre professores de EF assim como entre colegas de distintas áreas. Neste sentido e como grupo de estágio, trabalhamos conjuntamente, adotando estratégias comuns e, conseqüentemente, a existência de pontos onde a expressão foi coletiva.

Este capítulo tem como finalidade traduzir todas as atividades desenvolvidas no âmbito do EP e ser suporte de avaliação para a obtenção do grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. É de salientar que apenas o EP traduz a realidade encontrada nas escolas, o contacto com os alunos e colegas profissionais. Dito isto, toda a experiência foi de grande aproveitamento e crescimento pessoal e profissional, uma vez que possibilitou a aquisição de competências e habilidades úteis para o meu futuro profissional.

Tal relatório não poderá traduzir todas as experiências e vivências ocorridas durante o ano letivo. Poderá, também, não traduzir todo o empenho, dedicação, crescimento e

entreada ao longo de todos estes últimos meses em contacto com alunos e colegas profissionais, assim como com toda a comunidade escolar e tudo dela adjacente. Desta forma, o relatório de estágio será apenas um suporte escrito de toda a minha experiência como professora estagiária no AEF, traduzindo-se num ano de extrema importância na minha formação profissional e pessoal.

2. Objetivos

2.1. Objetivos do estagiário

O aspeto substantivo da aprendizagem importa sempre à formação e desenvolvimento do homem enquanto valores estritamente individual e social.

(Sarmento, 2004)

Ingressei neste mestrado de ensino com o objetivo de desenvolver conhecimentos e aplicá-los no âmbito do ensino da EF no ensino básico e secundário. Deste modo, o meu principal objetivo passou por retirar o auge de cada experiência proveniente de todo o processo do EP, maximizando os ganhos de conhecimento, para auxílio do meu crescimento enquanto profissional de desporto e posterior aplicação na prática.

Tendo por bases os objetivos específicos definidos pela UBI, o EP disponibiliza meios para recolha de competências indispensáveis para o bom desempenho de um professor de EF. Desta forma, o EP requer que o estagiário tenha capacidade para:

- Desenvolver, aprofundar e aplicar os conhecimentos obtidos no 1º ciclo de estudos, tornando-os adequados e relevantes para o ensino;
- Conhecer e utilizar resultados de investigação em educação de modo a promover o sucesso educativo;
- Desenvolver as capacidades de comunicação de conhecimentos, raciocínios e técnicas de forma a revelar um perfeito domínio oral e escrito da língua portuguesa e da didática disciplinar;
- Fundamentar a prática de ensino na investigação;
- Perspetivar o trabalho de equipa como elemento de enriquecimento e formação.

Pessoalmente, os meus objetivos, apesar de se completarem com os da universidade, passaram, também, por:

- Oferecer aos alunos o máximo de competências e abordar as aulas de EF de uma forma harmoniosa e apelativa a todos, de forma a nunca despertar desmotivação por parte destes;

- Notar o desenvolvimento dos alunos durante todo o processo de ensino-aprendizagem, isto é, ter percepção da melhoria das suas competências relativamente à condição física, ao conhecimento sobre as modalidades abordadas e à sua prática;
- Despertar nos alunos o gosto pelo desporto, incentivando-os à sua prática regular, auxiliando a saúde e bem-estar;
- Obter o máximo conhecimento sobre o funcionamento de uma escola, desde relação com os colegas, com os alunos, com os EE, ter a noção do tratamento de dados abordados nas reuniões - conselho de turma -, com EE.

2.2. Objetivos da escola

Somente neste ano letivo de 2012/2013, às escolas, foi-lhes atribuída a definição de AEF. Dito isto e sabendo que o documento projeto educativo somente é lançado de quatro em quatro anos, o apoio para a redação deste ponto apoiou-se no documento Projeto Educativo de Escola - Escola Secundária c/ 3º CEB do Fundão, 2009.

Assim, a missão passa por orientar a sua atividade, participativa e diversificadamente, tendo como ponto objetivo os alunos. Pretende ainda a sua aprovação e conhecimento como escola de sucesso, quer a nível concelhio, quer a nível regional. Para tal, traçaram princípios gerais de atuação que passam por uma cultura de mudança - antecipando alterações que tenham influência de ordem social -, responsabilidade por objetivos - otimizando a organização e o funcionamento das estruturas organizativas, disponibilizando os meios necessário para alcançar o objetivo - e uma cultura orientada para os resultados - trabalhando para o aumento do sucesso escolas, aumento das transições dos alunos e diminuição da taxa de abandono. Para o cumprimento da missão traçada foram delineadas três grandes linhas de orientação - orientação para o aluno, eficiência e maior abertura ao exterior. Respetivamente traduzem-se por considerar o aluno o centro de toda a atividade desenvolvida pela escola; incrementar a eficiência resultando na boa relação de custo/resultados apoiando-se nas tecnologias, nos recursos humanos e nos serviços; apoiar o meio envolvente dos alunos para além da comunidade escolar, divulgar atividades decorridas e dar conhecimento do sucesso e do cumprimento dos objetivos da escola.

A escola tem dois objetivos bem traçados - aumentar o sucesso escolar e diminuir a taxa de abandono e insucesso escolar. Para tal intervém através de três dimensões prioritárias - dimensão curricular, dimensão social e comunitária e dimensão organizacional e logística. As três abordam, respetivamente, o sucesso dos alunos, desenvolvendo o processo ensino-aprendizagem e competências básicas exigidas pela sociedade atual; a valorização por parte da escola do envolvimento da comunidade educativa; articulação e melhor aproveitamento dos recursos existentes.

2.3. Objetivos do grupo de Educação Física

O grupo de EF rege-se pelo PNEF (Jacinto et al., 2001). Especificamente para este ciclo de estudos, rege-se pelo programa alusivo ao 3º ciclo. Este baseia-se numa conceção de participação dos alunos, partindo de quatro princípios fundamentais:

- Garantia de atividade física (AF) devidamente motivada, qualitativamente adequada e em quantidade necessária, indicada pelo tempo de prática nas situações de aprendizagem, ou seja, no treino e situações de aperfeiçoamento tanto pessoal como dos companheiros;
- Promoção da autonomia através da distribuição, reconhecimento e exigência de responsabilidades para com os alunos nos problemas organizativos e de tratamento de assuntos assumidos e por eles resolvidos;
- Valorização da criatividade através da promoção e aceitação da iniciativa dos alunos, orientando-o para uma melhor qualidade do seu empenho e consequências positivas provenientes das atividades;
- Orientação da sociabilidade com o intuito de uma cooperação efetiva entre alunos, associando-a à melhoria da qualidade das prestações, principalmente em competições entre equipas, e ao clima relacional favorável ao aperfeiçoamento pessoal e prazer recrutado nas atividades.

O professor de EF deve, então, ter não só sempre presentes os quatro princípios fundamentais acima referenciados, mas também objetivos reformulados, segundo o PNEF (Jacinto et al., 2001). São, então, os objetivos:

- Melhorar a aptidão física, aumentando as capacidades físicas, harmoniosa e adequadamente, às necessidades de progresso do aluno;
- Promover a aprendizagem de conhecimentos relativos aos processos de melhoria e manutenção das capacidades físicas;
- Assegurar a aprendizagem de um conjunto de conteúdos das diferentes atividades físicas, promovendo o desenvolvimento multilateral do aluno, através da prática de AF desportivas nas suas dimensões técnica, tática, regulamentar e organizativa; através de AF expressivas, como danças, nas suas dimensões técnica, de composição e interpretação; através, também, de jogos tradicionais e populares;
- Promover o gosto pela prática regular de AF, assegurando a compreensão da sua importância relativamente à saúde e cultura individual e social;
- Promover, ainda, a formação de hábitos, atitudes e conhecimentos referentes à interpretação e participação nas estruturas sociais, no seio dos quais se desenvolvem as AF, valorizando a iniciativa e a responsabilidade pessoal, a cooperação e a solidariedade, a ética desportiva, a higiene e a segurança pessoal e coletiva e apelando à consciência cívica na preservação de condições de realização das AF, especialmente da qualidade do ambiente.

3. Metodologia

3.1. Caracterização da escola

O AEF foi este ano assim designado, como referido, sendo que anteriormente denominava-se Escola Secundária c/ 3º CEB do Fundão. Desta forma, o AEF é constituído por quatro jardins-de- infância, oito escolas de 1º ciclo, a escola EB23 João Franco e a Escola Secundária do Fundão. Insere-se num meio rural em transformação e é a única escola secundária pública no concelho. O agrupamento engloba as freguesias de Alcaria, Capinha, Enxames, Fatela, Peroviseu, Salgueiro, Santa Teresinha, Valverde e Fundão.

Segundo o Projeto Educativo da Escola Secundária c/ 3º CEB do Fundão (2009) a escola apresenta um leque diversificado de ofertas através de Cursos de Educação e Formação (CEF), Cursos Educação e Formação Adultos (EFA), Cursos de Educação Tecnológica (CET) e Cursos Profissionais (CP), além da oferta dos cursos científico-humanísticos e tecnológicos. A vasta oferta vai de encontro ao objetivo do aumento do sucesso e diminuição do abandono escolar pretendendo que os alunos optem por cursos direcionados aos seus objetivos e interesses. Assim, a escola ambiciona envolver pessoal docente e não docente, alunos, pais/EE, parceiros educativos e comunidade envolvente.

Todas as ações tomadas pela escola orientam-se para os seus objetivos e missão, colocando os alunos e os seus interesses em primeiro lugar.

3.2. Lecionação

A função principal do ensino é encontrar formas de ajudar os alunos a aprender e a cultivar-se, criar experiências educativas através das quais podem aumentar as suas capacidades, compreensão e atitudes, fazendo de tal modo que permita disfrutar da experiência de aprendizagem e da atividade.

(Siedentop, 2008)

Durante o EP tive oportunidade de trabalhar com cinco das sete turmas atribuídas ao orientador de escola, cada uma delas atribuída a um estagiário em particular. Na fase introdutória do ano letivo as turmas foram distribuídas aleatoriamente. Pessoalmente despertou-me interesse a turma que, à partida e a meu ver, seria a mais problemática a níveis comportamentais e de aprendizagem, daí manifestar-me na escolha desta. Tal escolha deveu-se à ideia de maior realidade e dificuldade na conquista da turma e da cumplicidade professor-aluno, assim como à dificuldade de transmissão de conhecimentos e conseqüente evolução no processo ensino-aprendizagem. Acompanhei, então, a turma de 9ºG. Portanto, durante todo o ano letivo segui a turma, encarregando-me de todos os aspetos a esta inerente

no que diz respeito à lecionação da disciplina de EF e dos assuntos relacionados com a diretoria de turma (ponto abordado mais à frente).

No 3º período sucedeu a oportunidade de cada estagiário lecionar durante toda a semana, isto é, passando pelas cinco turmas atribuídas a si e aos colegas - experiência referenciada mais à frente. Tal experiência ofereceu a oportunidade de lidar com turmas de diferentes fases de aprendizagem, diferentes características, e de transmitir a noção de ter um horário completo, proporcionando, assim, maior conhecimento e aprendizagem de minha parte.

A par de toda a lecionação, também substituição de aulas foram realizadas. A pedido de colegas de grupo disciplinar, substituímo-los na lecionação das aulas. Em todos os casos foi-nos disponibilizada a informação da turma e da modalidade a lecionar. Penso que todas as aulas correram como previsto e os planos de aula foram cumpridos e que, conseqüentemente, o grupo se conseguiu adaptar à nova experiência, a novas turmas e conseguiu manter os alunos motivados e empenhados nas tarefas propostas.

Observação

A observação foi um ponto fulcral na concretização deste EP. Iniciada no 1º período de estudos, como grupo de estagiários, cada um observava todas as aulas dos colegas. Tal serviu como instrumento de críticas construtivas para com o trabalho dos colegas, uma vez que cada estagiário estava encarregue por toda a lecionação de uma turma.

3.2.1. Amostra

A caracterização da turma é crucial e abordada no início do ano letivo para conhecimento de todos os alunos, a todos os níveis, tanto como do processo de ensino como do contexto social e económico, podendo este ter toda a importância e toda a transferência para a comunidade escolar. Certo interesse será de importantíssimo uso para a criação de estratégias de lecionação, adotando o modo de ensino à turma em causa para, assim, desencadear maior ganho a nível de aproveitamento e comportamento.

3.2.1.1. Caracterização da turma 9º G

A turma 9ºG institui uma turma de Percurso Curricular Alternativo (PCA). Turmas deste cariz requerem um ajustamento dos programas nacionais, abordando as mesmas unidades didáticas (UD), mas facilitando na avaliação dos seus conteúdos. A avaliação, por sua vez, sofre também alterações. O valor atribuído à componente de atitudes e valores alterou-se, passando de 30 para 40%. A maior atribuição percentual a esta componente avaliativa deve-se à tentativa de contornar as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Assim sendo, após a concretização do 3º ciclo, estes alunos vêm as suas opções de seguimento de estudos reduzidas. Desta forma, não têm necessidade de realizar exames finais de ciclo e, após conclusão deste, apenas podem seguir um ciclo de estudos de EP, optando por curso vocacionado a uma “arte” específica. A oportunidade de seguimento de estudos por um

processo regular apenas é conseguido se os alunos optarem pela autoproposta a exame de final de ciclo.

A turma é constituída por quinze alunos, todos eles inscritos a disciplina de EF, sendo que quatro são do género feminino e onze do masculino, com idades compreendidas entre catorze e dezassete anos. Três alunos são destacados com Necessidades Educativas Especiais (NEE), embora, diretamente ligados à disciplina de EF, apenas dois desses alunos apresentem maior dificuldade. Todos de nacionalidade portuguesa, excetuando um aluno que tem nacionalidade angolana. Noutros termos, uma aluna foi transferida de Espanha para esta escola, atrasando um ano de escolaridade.

Em termos socioeconómicos, grande parte da turma sofre de dificuldades financeiras até porque, dos quinze alunos, treze favorecem de Serviço de Ação Social Escolar (SASE), sendo que onze beneficiam do escalão A e os restantes dois do escalão B.

Quanto aos EE, o papel é, na sua maioria desempenhado pela mãe, dez casos. Os restantes casos, quatro são atribuídos aos pais e, apenas num caso, a madrastra assume a função de EE.

De acordo com a ficha biográfica preenchida no início do ano letivo, são alunos provenientes das localidades do concelho do Fundão, daí que o seu meio de transporte seja, maioritariamente, transportes públicos. Fora da comunidade escolar, mais precisamente do âmbito da EF, apenas cinco alunos não praticam uma modalidade, sendo que três deles são federados. Das modalidades praticadas têm vantagem numérica o futebol, o futsal e o bicicleta todo terreno (BTT). Embora sejam admiradores e praticantes do desporto, nenhum aluno se mostrou interessado e participativo no DE.

No que diz respeito ao percurso escolar da turma, não existem reprovações no ano antecedido, embora tenha havido em anos anteriores. Apenas quatro alunos do número total da turma não são alunos reprovados em anos anteriores. Como modalidades preferidas apresentam o futsal e badminton. Em contrapartida, a ginástica e, repetidamente, o futsal, são as expostas como oferendas de maior dificuldade.

Relativamente à saúde, nenhum apresenta qualquer impossibilidade da prática desportiva e, conseqüentemente, da aula de EF.

3.2.2. Planeamento

O ensino pode ser definido geralmente como os comportamentos dos professores durante o seu trabalho profissional. Os professores realizam tarefas como planificar, explicar, presentear, perguntar, corrigir e dar feedbacks, e todos os seus comportamentos têm como objetivo ajudar os seus alunos a aprender e a desenvolverem-se.

(Siedentop, 2008)

De acordo com Sousa (1991), o planeamento é uma ferramenta facilitadora de deliberações a serem tomadas pelo docente, onde os principais objetivos assentam na supervisão, na racionalização e na eficácia do processo de ensino.

Para Bento (1987), o caráter progressivo do ensino é assente em pressupostos baseados na sistematização e continuidade do processo de valorização dos alunos. A sua operacionalização deve ser feita numa perspetiva macro através do Planeamento Anual (PA), utilizando UD como meio de agrupar um conjunto de competências a serem desenvolvidas e com expressão operacional através de exercícios presentes no plano de aula.

Como qualquer vertente da pedagogia e da educação, pode e deve haver adaptabilidade. Tem de haver adaptação à turma em si, aos comportamentos desvio da mesma, a impossibilidades da concretização da aula, etc. Como tal, para Ribeiro (1999) os modelos de organização curricular disponíveis não existem, na prática, sob formas “puras” e estão sujeitos a evolução ou adaptações, permanecendo sempre a hipótese de invenção de novos tipos de estrutura curricular, em função das realidades concretas do ensino.

O planeamento compõe uma vertente profissional mais exigente, tendo em conta que é fundamental a sua elaboração, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem não assenta em ações pedagógicas planeadas individualmente e isoladamente, de aula para aula, ou improvisada na própria aula. Para isto, foi realizado logo no início do ano letivo um PA (Anexo 1) para que houvesse, então, um plano geral a seguir, nunca obstante a adaptações, e a planeamento de UD (Anexo 2) aquando do início destas. Para todas as aulas, tendo sempre em conta a PA e a UD em causa, foram elaborados planos de aula (Anexo 3).

Há, então, e serão abordados mais intimamente à frente, três tipos de planeamentos, de curto, médio e longo prazo. São então:

Curto prazo: planos de aula;

Médio prazo: UD;

Longo prazo: calendário escolar, planificação das modalidades a bordar, rotação dos espaços disponíveis à prática da EF, PA - fazendo referência às UD, calendarização e conteúdos específicos a abordar.

Posto isto, irei abordar os três tipos de planeamento acima mencionados - PA, UD e plano de aula - para a turma sobre a qual exerci a responsabilidade total de lecionação.

3.2.2.1. Planeamento da turma 9º G

Planeamento anual

Rosado (1999) defende que a PA representa um conjunto de intencionalidades com propósitos organizativos, definição de estratégias e objetivos, controlo e avaliação do projeto perspetivado para uma turma específica, de modo a que a operacionalização seja coerente e que desenvolva o que é prioritário. É, então, um documento possível e realista,

didaticamente exato e preciso, de modo a que oriente para o fundamental do processo ensino-aprendizagem. (Bento, 1998)

Para a concretização do PA foi necessário ter em atenção pontos como a calendarização escolar, o número de aulas destinado à disciplina, as rotações e consequente disponibilidade de espaços, recursos materiais, tempo útil de cada aula e número de aula dirigido a cada UD. Só assim seria possível um PA o mais aproximado possível da realidade. Foi também de importante atenção os conteúdos programáticos do PNEF - 3º ciclo, respetivamente aos conteúdos destinados ao 9º ano de escolaridade. Após estudadas todas as englobantes requeridas para a definição do plano, tal foi concretizado.

Durante os três períodos letivos várias foram as modalidades abordadas, tendo em conta os aspetos anteriormente referidos. No 1º período foram abordadas as UD de atletismo, especificando a vertente de resistência, e também a de basquetebol, introduzindo ainda o badminton; o 2º período destinou-se à lecionação das UD de badminton, futebol e ainda de ginástica; o 3º período, por sua vez, deu continuidade à UD de futebol, englobando ainda o andebol e o voleibol. As modalidades de basquetebol, badminton, ginástica e voleibol, devido ao fato de apenas se concretizarem em pavilhão, foram sempre abordadas nas aulas de 90'. Tinham como aspeto negativo o facto de, após a rotação, não poderem ser novamente abordadas, exceto com colaboração e cedência de espaço de outro professor.

Durante todo o processo letivo o PA sofreu alterações, alterações devidas a impossibilidades de lecionação da aula por conta de condições climatéricas, atividades extracurriculares e visitas de estudo, por comportamentos desvio durante a aula e adaptação dos objetivos específicos face às dificuldades dos alunos. Isto pôs em evidência a minha capacidade de adaptação e improviso face ao já programado, nunca desviando a total atenção dos objetivos específicos traçados.

Unidade didática

Segundo Rosado (1999), a UD representa um conjunto de aulas que foram agrupadas devido às etapas de desenvolvimento dos alunos, aos conteúdos ou temas a abordar, à calendarização das aulas ou períodos letivos. Siedentop (2008) defende ainda que a lecionação das UD por blocos de maior duração representa a existência de um carácter mais consciente para a solidificação de aprendizagens, sendo essencial que exista um tempo mínimo de contato com as matérias de ensino para que exista uma aquisição de competências de forma proficiente.

Desta forma, as UD elaboradas advêm do PA e contêm o plano da UD, os seus critérios de avaliação e descrição das componentes avaliativas, tendo em conta progressões. Esta apoiou-se no PNE- 3º ciclo, verificando quais as modalidades e conteúdos a abordar. Desta forma, em exemplo, o Anexo 2 traduz um exemplo de UD elaborada para a turma em questão, UD de ginástica.

Plano de aula

Os planos de aula podem ser elaborados de várias formas. Contudo, a sua essência deverá ter um cunho pessoal do utilizador devido à necessidade de este ser o mais operacional possível. A elaboração do plano de aula é algo que já vem sendo discutido ao longo do tempo. Segundo Aranha (2004), este deve identificar a escola, a data e hora de aula, o tempo horário, o ano e a turma, o total de aulas já lecionadas, a instalação, os objetivos específicos, a função didática, os conteúdos operacionais e o material necessário.

No início do EP o plano de aula eram muito formalizados mas com o decorrer das aulas e das experiências fui percebendo que este serve ao professor como um auxílio e deve ser o mais objetivo e claro possível.

O plano de aula está dividido em três grandes fases - inicial, fundamental e final. A fase inicial é constituída pela deslocação dos alunos para o espaço da aula, o apontamento das presenças por parte do professor e a mobilização geral e específica - aquecimento - englobando os grupos musculares predominantes para a aula. Em todas as aulas por mim lecionadas, a fase inicial incluía ainda exercícios de condição física como força média e inferior. Na fase principal estão englobados os exercícios específicos para a aquisição de competências da modalidade, de uma forma intensa mas nunca esquecendo da recuperação. Por último, a fase final encarrega-se do retorno à calma consequente da intensidade da fase fundamental, um balanço sobre a aula e sobre os conteúdos abordados e, também, a arrumação do material. Engloba, na sua totalidade, os objetivos operacionais de cada exercício, a duração, a organização/descrição do exercício e os objetivos comportamentais/componentes críticas.

Os planos de aula foram realizados e enviados antecipadamente para o orientador de escola e, no final de cada aula sofria críticas, tanto dos colegas de grupo como do orientador. O comentário à aula e ao professor estagiário contribuiu para uma maior noção dos erros cometidos, para a justificação das estratégias escolhidas e possíveis adaptações e improvisos e, consequentemente, a um maior crescimento enquanto profissional de EF.

A intervenção pedagógica foi, para mim, o ponto mais importante neste processo, do qual intervinha diretamente com os alunos, responsabilizando-me pelos seus atos e aprendizagem, tentando, desta forma ser o mais eficiente e coerente possível no processo de ensino para que os resultados fossem os melhores face à aprendizagem dos alunos.

Instrução

A instrução pode ser definida como um conjunto de comportamentos de ensino que fazem parte do reportório do professor para transmitir informação substantiva. (Siedentop, 1991) Engloba, ainda, todos os comportamentos verbais e não-verbais que se relacionam com os objetivos da aprendizagem.

Durante o EP esta componente mostrou-se de grande importância no decorrer das aulas tanto na instrução inicial e final, como na instrução da tarefa. Fazem parte da instrução vários fatores que ajudam na perfeita ação da mesma. A segurança dos alunos é um dos

fatores a qual deve sempre tida em conta pelo professor, não deixando que haja demasiada exposição da integridade física dos alunos, que leve à ocorrência de riscos desnecessários. Esta pode ser vista na organização dos grupos face à tarefa, à própria tarefa sendo esta ajustada às capacidades dos alunos, cumprimento das regras de aula e de entreaajuda na turma, disciplina e manipulação do material. O aperfeiçoamento da instrução é outro fator importante já que instrução e organização do exercício se relacionam diretamente com a gestão do tempo de aula. Neste sentido, quanto melhor a instrução dada pelo professor, melhor a gestão do tempo e maior o tempo na tarefa; se a instrução for precisa e clara, o tempo desta poderá ser otimizado no tempo da tarefa e gestão da mesma. Há, ainda, como fator importante da instrução, o controlo ativo da prática, ou seja, quanto melhor colocado estiver o professor face aos alunos, melhor será a observação para com estes, a instrução dada e, conseqüentemente, a disciplina dos alunos e o tempo aplicado na tarefa. Como mais um fator importante da instrução há o aperfeiçoamento da utilização de *feedback* pedagógico, sendo estes de caráter informativo ou motivacional, sendo prescritivo, descritivo ou interrogativo. A pertinência e qualidade do feedback devem solucionar dificuldades aos alunos para a boa execução e conseqüente, aquisição dos conteúdos pretendidos.

Durante o ano letivo verifiquei evolução em todos os pontos, tendo consciência que foi um processo demoroso principalmente no 1º período. A instrução, em todos os seus pontos, sofreu alterações e melhorias de intervenção pedagógica. No entanto, a condução da aula, o posicionamento e a estruturação da mensagem foram os pontos mais difíceis a ultrapassar, mas penso tê-lo conseguido. Ao nível dos *feedback*, numa primeira fase houve alguma dificuldade em sistematizar os aspetos a ter em conta na observação do exercício propriamente dito para, conseqüentemente, aplicar *feedback*. Com o alongar do EP e com a aquisição de hábitos e rotinas, o *feedback* foi surgindo em maior qualidade e quantidade.

Gestão

O tempo é uma componente exata, não podendo ser ajustado de forma ao seu prolongamento total. Abrantes, citado por Martins (2009), defende que os objetivos, para uma “boa” gestão de tempo passa por promover a pontualidade, assegurar o tempo útil como melhor aproveitado possível, reduzir ao seu mínimo o tempo de instrução, reduzir os tempo de espera, garantir o ritmo da aula, controlando de forma constante a atividade, interagir com os alunos na sua totalidade, garantir a permanência na atividade por todos os alunos, proporcionar tarefas adequadas aos níveis de aprendizagem dos alunos e criar um clima de aula positivo. Portanto, a gestão é um aspeto fundamental na condução e controlo da aula.

É possível, então, referir que a melhor instrução na dimensão da gestão passa pela melhor repartição do tempo de modo a criar em contexto de ensino que proporciona, ao aluno, maior tempo de empenho e exercitação em exercícios.

A gestão do tempo de aula foi uma das grandes preocupações tidas ao longo de toda a lecionação, a par com a organização e controlo da turma. No início da lecionação várias eram as falhas no que diz respeito à gestão, mas penso que foram melhoradas. Os tempos de

transferência entre tarefas e de instrução eram longos, o que apoiava a desmotivação, assim como demasiado tempo na mesma tarefa. Portanto, foi necessário um reajustamento do tempo despendido a cada função, otimizando o tempo efetivo na tarefa.

Clima

Criar um bom clima de aula é fundamental para realizar um conjunto de situações lógicas, adequadas e eficazes para que os alunos se sintam bem na mesma e que possa haver melhores condições relativamente à relação professor-aluno e relação entre colegas, para que o professor exerça o seu trabalho e os alunos o acompanhem, aprendendo.

A motivação do professor e dos alunos na aula é um ponto fundamental já que promove um clima positivo. A interação, de forma positiva, interessada, inovada e encorajadora por parte do aluno é uma forma de proporcionar a este motivos de interesse e motivação na aula.

Houve a tentativa desde o início de despertar motivação junto dos alunos para concretização e empenho na aula. A meu ver foi de fácil acesso já que, tendo cada estagiário apenas uma turma ao seu encargo, toda a sua motivação e inovação se dirigia apenas a uma turma.

Em suma, os três pontos abordados anteriormente, foram os de maior importância que acompanharam todo o EP. É possível afirmar que a abordagem feita a qualquer um dos três pontos foi conseguida com sucesso - a instrução com um notória evolução no que diz respeito aos *feedback* e à transmissão dos objetivos pretendidos; a gestão da aula na otimização do tempo dos alunos na tarefa; e o clima da aula transparecendo sempre motivação quer do professor, quer dos alunos, tentando disciplinar ao máximo a aula, não dando lugar a comportamentos desvio.

Avaliação

Ribeiro (1999) entende a avaliação como um processo que intenta acompanhar o progresso do aluno ao longo do seu processo ensino-aprendizagem, identificando o que já foi alcançado e pretendendo encontrar as melhores soluções para as dificuldades sentidas, podendo-se formular o ensino e aumentar a sua qualidade. Assim, a avaliação incide sobre o desempenho do aluno e sobre o plano de ação do professor, estando intrinsecamente ligado ao processo pedagógico. Desta forma, as avaliações procederam ao longo das UD, dividindo-se em avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa.

A avaliação diagnóstica tem como propósito aferir o nível do aluno referente ao conteúdo e facultar ao professor informações sobre os níveis iniciais de desempenho do aluno face a uma matéria, sendo ponto de partida para a elaboração da UD, tendo em conta o nível da turma. Tal avaliação foi realizada no início de cada UD para conhecimento da professora face aos conteúdos aprendidos nos anos de escolaridades anteriores e abordar, apenas que de

uma forma reduzida, as componentes que, segundo o PNEF - 3º ciclo, competiam à aprendizagem dos alunos no ano em questão.

A avaliação formativa, segundo Rosado (1999) é uma ação de comportamento do processo de ensino-aprendizagem de forma regular. Decorre ao longo de todo o processo de aprendizagem onde o professor avalia, com recurso à observação direta, a evolução dos comportamentos do aluno. Serve, também, para reajustar a sua - do professor - intervenção didática no sentido de otimizá-la, levando ao enriquecimento da UD previamente traçada. Esta avaliação é feita de forma contínua, coerente e global. Dito isto, ao longo da lecionação de cada UD, como professora, tive em conta a evolução dos alunos face à aprendizagem e ao seu comportamento, fazendo sempre anotações neste sentido, auxílio para a avaliação sumativa. Dependendo das dificuldades dos alunos, debruzei-me no seu acompanhamento tentando otimizar a sua aprendizagem e aproximando, o máximo possível, dos objetivos traçados para cada UD.

A avaliação sumativa foi realizada tendo como base a avaliação diagnóstica, a par da evolução do aluno face a cada UD. Este tipo de avaliação, tal como o nome indica, requer o somatório de todas as avaliações realizadas até então. Isto é, tem em conta, não só a avaliação formativa dos alunos face a uma UD ou decorrer do seu comportamento, mas também, todo o processo de melhoria dado ao longo de todo o ano letivo. A avaliação sumativa, neste caso, requer a junção do teste escrito (Anexo 4), dos conteúdos adquiridos em cada UD, dos resultados da bateria de teste de Fitnessgram e do domínio sócio afetivo que engloba todo o comportamento, faltas, etc.

A autoavaliação é também um processo de avaliação, onde os alunos demonstram a sua perceção acerca dos seus atos. Então, no final de cada período letivo, os alunos tinham espaço de refletir a sua avaliação. Foi de notar que, ao longo dos períodos os alunos demonstraram uma noção bastante correta acerca do seu desempenho nas aulas de EF, sendo que a sua autoavaliação não variava, em muito, na sua avaliação fina.

3.2.2.2. Reflexão da lecionação

A lecionação mostrou-se o ponto de maior foco no processo ensino-aprendizagem. Foi nela que possibilitou todos os aspetos supramencionados e que foi o maior ponto e a maior intervenção a nível do ÊP.

A turma sobre a qual exerci toda a lecionação e responsabilidade é uma turma com características específicas, com comportamentos particulares mas, acima de tudo, alunos que necessitavam de bastante atenção por parte do professor, procurando neste, também, um amigo. Foram criadas estratégias e planos B para qualquer situação anómala e pensei que sempre consegui levar a bom-porto todos os comportamentos desvio e marcar a minha posição enquanto professora. Dentro da própria turma surgiam atritos e subgrupos, do qual me apercebi logo no início do ano. Como tal tentei que todos interagissem de igual modo e que, pelo menos, nas aulas de EF os grupos não se manifestassem e que apenas prevalecesse o grupo turma.

A maioria dos alunos possuem motivação intrínseca para a aula, no entanto, alguns deles, embora não motivados, esforçavam-se para a concretização dos objetivos da aula e, com motivação extrínseca de minha parte e dos colegas, debruçavam ainda mais esforço. Para incentivo de motivação e para que a interação de cada aluno na aula fosse maior possível, a partir do 2º período optei pela concretização da mobilização articular feita, em cada aula, a comando de um único aluno. Tive em consideração, também, a sua motivação na parte inicial da aula já que me foi pedida a intervenção de jogos e não apenas de corrida contínua. Como reforço e para motivação dos alunos, nos últimos cinco minutos de aula, essencialmente quando a aula tinha decorrido como planeado e todos os objetivos tinham sido cumpridos, deixava os alunos desfrutarem do espaço de aula, sempre com minha supervisão, para a concretização de um jogo por eles escolhido.

No decorrer do ano letivo penso que houve melhoria no que diz respeito à gestão do tempo de aula e que a pertinência e a qualidade do *feedback* melhoraram. No entanto foi um processo trabalhoso e demorado.

Relativamente aos conteúdos lecionados, após pesquisa e trabalho, penso que assimilei todas as competências, sendo capaz de bem lecionar todas as modalidades durante o ano letivo tratadas.

No que diz respeito ao meu estatuto de professora estagiária, penso que foi bem aceite pelos alunos e sempre tiveram bastante consciente que o estatuto entre mim e eles era bastante diferente. Apesar das idades próximas, sempre demonstraram bastante respeito por mim. No início do ano letivo foi difícil cativar os alunos, sendo eu um elemento novo e era professora estagiária mas, no entanto, com o decorrer do ano, mostraram-se bastante recetivos, interessados e um elemento de apoio até.

Houve ainda a leção completa da semana, ou seja, uma semana onde tive a responsabilidade de lecionar todas as turmas do grupo de estágio. Penso que, dentro da possibilidade, todas as aulas correram bem. Foi necessária a criação de boas estratégias para as turmas de 5º ano, estratégias, a meu ver, concretizadas. Dito isto, penso que a semana e o desafio foram bem conseguidos.

Relativamente às aulas de substituição, penso que contribuiu positivamente para o meu desenvolvimento e adaptação a novas turmas. Foi sempre necessário ter presente que a motivação dos alunos e o seu empenho e tempo na tarefa eram aspetos cruciais e consequentes para um bom clima da aula.

Em síntese, toda a leção foi fruto de trabalho e esforço de minha parte, de todo o grupo de estágio e, ainda, do professor Luís Moreira, orientador de escola, que sempre se mostrou totalmente disponível para ajudar e dar todo o apoio necessário a boa concretização, tanto da leção, como de todo o estágio.

3.3. Recursos humanos

A Tabela 1 mostra os recursos humanos ligados diretamente à escola. É de salientar que os dados referenciados estão de acordo com o documento Projeto Educativo da Escola Secundária c/ 3º CEB do Fundão (2009). Apenas os dados sobre o número de alunos e professores sofreram atualização; os restantes números não nos foram indicados.

Tabela 1 - Distribuição dos recursos humanos

Alunos	Corpo docente	Corpo não docente
1947	178	75

A escola possui como recursos humanos alunos, corpo docente - professores - e corpo não docente - funcionários. Para o total de 1947 alunos a escola possui 178 professores e 75 funcionários.

Intimamente, o grupo de EF é constituído por 10 profissionais. Não esquecendo do grupo de estágio, um grupo bastante alargado e constituído por, também, 10 alunos.

De nenhum dos grupos apresento qualquer tipo de insatisfação. Todos os professores que, de algum modo, participaram na minha aprendizagem e na minha formação enquanto professora estagiária mostraram-se sempre recetivos a dúvidas e questões. O grupo de EF, professores com os quais estabeleci maior ligação, mostraram sempre espírito de ajuda e integração para comigo, o que se mostrou um bom auxílio para a minha inclusão no grupo e na escola.

Os auxiliares de ação educativa mostraram-se, também, bastante prestáveis pois recebiam-me sempre com total respeito e simpatia, dando resposta a necessidades ou dúvidas colocadas.

Os elementos da direção, por sua vez, em todos os projetos por nós apresentados e todo o material necessário, mostraram interesse, agrado e disponibilidade na sua realização.

3.4. Recursos materiais

Os recursos materiais da escola dividem-se em espaços interiores e exteriores. Como espaços exteriores a escola possui espaços de lazer e recreio e espaços desportivos - 4 campos de jogos e 1 pavilhão polidesportivo/gimnodesportivo. Os espaços interiores apresentam-se na Tabela 2, abaixo mencionada, constituindo espaço como salas de aula, refeitório, gabinetes, etc.

Tabela 2 - Espaços interiores

Sala de aulas	Sala de isolamento	Sala de diretores de turma	Sala de professores
Sala de cursos de dupla certificação	Sala de apoio pedagógico acrescido	Sala de assistentes operacionais	Sala de associação de estudantes
Gabinete de apoio ao aluno	Gabinete de saúde	Gabinete de gestão de conflitos	Gabinete de ASE
Gabinete de psicologia	Gabinete de apoios educativos	Gabinete de psicologia e orientação	Gabinete de ensino especial
Biblioteca/centro de aprendizagem	Laboratório de línguas	ASE	Secretaria - área de professores
Secretaria - área de alunos	Reprografia de professores	Reprografia de professores	Refeitório e espaço de apoio
Bufete de alunos/sala de convívio	Papelaria	Portaria	Anfiteatro e espaço de apoio
Receção	Espaços de circulação	Lavandaria	Instalações sanitárias

Os diferentes espaços são geridos pelos diferentes departamentos pedagógicos. A Tabela 3 mostra a atribuição e responsabilização relativa a cada departamento, sendo que o departamento referente à EF é o departamento de expressões.

Tabela 3 - Espaços geridos pelos diferentes departamentos

Matemática e Ciências Experimentais	Gabinete de Matemática, laboratório de Informática, oficina e gabinete de Eletricidade, salas de Informática, laboratórios e gabinetes de Física e Química, laboratórios e gabinete de Biologia.
Expressões	Pavilhão oficial, pavilhão polidesportivo, campos de jogos, gabinete de EF, gabinete de expressões, salas específicas.
Ciências Sociais e Humanas	Gabinetes de Geografia, Filosofia e história, sala de Contabilidade, Secretariado e Gestão, gabinete de Economia.
Línguas	Gabinete de Línguas Românicas e Línguas Germânicas, laboratório de línguas.

A escola possui, ainda, um alargado número de material destinado às aulas de EF, DE, espaço de recreio ou qualquer atividade extra curricular decorrente na escola. De acordo com o documento fornecido pela diretora de instalações, Clara Barbosa, o material referente divide-se em três diferentes pontos - arrecadação do pavilhão 4, arrecadação do pavilhão e gabinete de EF. Apenas com este esquema de distribuição de material as aulas poderiam ser otimizadas temporalmente, já que cada arrecadação se encontra junto dos espaços disponíveis à lecionação da disciplina de EF. A lista de material está disponível no Anexo 4, que denomina, quantifica e qualifica todo o material disponível.

3.5. Direção de turma

O DT deve ser, preferencialmente, um professor profissionalizado, nomeado pelo diretor executivo de entre os professores da turma, tendo em conta a sua competência pedagógica e capacidade de relacionamento. São, então, competências do DT:

- Promover, junto do conselho de turma, a realização de ações conducentes à aplicação do Projeto Educativo da Escola, numa perspectiva de envolvimento dos EE e de abertura à sociedade;
- Assegurar a adoção de estratégias coordenadas relativamente aos alunos da turma, assim como a criação de condições para que participem em atividades interdisciplinares;
- Promover um acompanhamento individualizado dos alunos, divulgando junto dos professores da turma a informação necessária à ajustada orientação educativa dos

alunos e fomentando a participação dos pais e EE na concretização de ações para orientação e acompanhamento;

- Promover a rentabilização dos recursos e serviços da comunidade escolar e educativa, mantendo os alunos e EE informados da sua existência;
- Elaborar e conservar o processo individual do aluno, facultando a sua consulta ao aluno, professores da turma, pais e EE;
- Apreciar ocorrências de insucesso disciplinar, decidir a aplicação de medidas imediatas no quadro das orientações do conselho pedagógico em matéria disciplinar e solicitar ao diretor executivo a convocação extraordinária do conselho de turma;
- Assegurar a participação dos alunos, professores, pais e EE na aplicação de medidas educativas decorrentes da apreciação de situações de insucesso disciplinar;
- Coordenar o processo de avaliação formativa e sumativa dos alunos, garantindo o seu carácter globalizante e integrador, solicitando, se necessário, a participação dos outros intervenientes na avaliação;
- Coordenar a elaboração do plano de recuperação do aluno decorrente da avaliação sumativa extraordinária e manter informado o EE;
- Propor aos serviços competentes a avaliação especializada, após solicitação do conselho de turma;
- Garantir o conhecimento e o acordo prévio do EE para a programação individualizada do aluno e para o correspondente itinerário de formação recomendados no termo da avaliação especializada;
- Garantir, em caso de retenção do aluno no mesmo ano, um relatório que inclua uma proposta de repetição de todo o plano de estudos desse ano ou de cumprimento de um plano de apoio específico e submetê-lo à aprovação do conselho pedagógico, através do coordenador de ano dos diretores de turma;
- Propor na sequência da decisão do conselho de turma, medidas de apoio educativo adequadas e proceder à respetiva avaliação;
- Apresentar ao coordenador de ano dos diretores de turma o relatório elaborado pelos professores responsáveis pelas medidas de apoio educativo;
- Presidir às reuniões de conselho de turma, realizadas, entre outras, com a finalidade de avaliação da dinâmica global da turma, de planificação e avaliação de projetos do âmbito interdisciplinar e de formalização das avaliações formativa e sumativa;
- Apresentar ao coordenador de ano, até 20 de Junho de cada ano, um relatório de avaliação das atividades desenvolvidas. (Portaria n.º 921/92 - Competências do diretor de turma, 1992)

Durante todo o ano letivo, mais especificamente no 3º período, trabalhei em conjunto com a DT da turma em questão. Apesar do tempo sucinto, penso que arrecadei parte das competências a desempenhar pelo DT. A DT pôs-me a par das dificuldades dos alunos, quer a nível escolar, quer familiar, e de comportamentos desvio em aula, aos quais intentamos

encontrar a melhor solução possível tentando, em todos os casos, ter em conta a versão do aluno e a causa das suas más ações, solucionando o problema de modo a que igual não sucedesse, explicando consequências a vários níveis.

Penso que todo este processo foi bastante válido, enriquecedor e de tremenda importância para a minha formação profissional, podendo já ter uma noção base deste processo.

3.6. Atividades não letivas

3.6.1. Atividades do grupo disciplinar

Desporto escolar

Pelo jogo se desenvolvem as aptidões sociais: a necessidade de colaborar e de ser solidário, o amor pela verdade, a lealdade na luta, o espírito de equipa. O desportista bem orientado adquire hábitos de convívio e de camaradagem, de simpatia e de compreensão pelos outros homens e de disciplina interior sem a qual não se triunfa.

Santos, (1982) in Sarmento (2004)

Segundo Sarmento (2004), a prática desportiva pode ser excelente meio de educação. Para tal, o Programa para o Desporto Escolar (PDE) para 2009-2013 apresenta o DE como meio de contribuir o combate ao insucesso e abandono escolar, promovendo a aquisição de hábitos de vida saudável e a formação integral dos jovens em idade escolar através da prática de AF e desportivas. Deste modo, o PDE pretende igualar a todos os alunos o acesso á prática de AF e desportiva, tomado como um contributo essencial para a formação integral dos alunos e para o desenvolvimento desportivo nacional.

Relativamente à minha prestação nesta área da lecionação, no início do ano letivo foi-nos dada, como professores estagiários, a possibilidade de escolha acerca do grupo de DE que desejávamos acompanhar durante todo o percurso anual. Estavam disponíveis as modalidades de basquetebol, futsal, voleibol, badminton, ginástica e multiactividades. Desta forma, optei pelo único escalão feminino da modalidade de futsal, futsal feminino - escalão de iniciados - escolha essa apoiada no meu passado desportivo e na primeira opção pelo futebol.

O grupo era constituído por onze atletas inscritas e quatro atletas que apenas realizavam treino devido a impossibilidade de inscrição no escalão. Foi dirigido pelo professor Rafael Guerreiro e auxiliada por duas professoras estagiárias. Os treinos tinham lugar às quartas-feiras das 14.30h as 15.30h e logo no início do ano letivo foi-nos disponibilizado o calendário competitivo (Anexo 5) e programa de competição para que houvesse melhor

preparação na concretização do objetivo final, a passagem à fase distrital. Foi-nos também cedida a informação de que algumas alunas inscritas não poderiam participar na competição devido à sua precoce idade, daí só inserirem no grupo através de treinos semanais.

Acompanhei o grupo em todas as deslocações que o calendário competitivo exigia e dei auxílio a todas as dificuldades da modalidade, do grupo e do professor responsável. A minha colaboração debruçou-se essencialmente na organização e operacionalização do treino, sendo que me ocupava mais especificamente das atletas mais novas. Tal preferência deveu-se à noção de maior noção e experiência do professor Rafael para o ensinamento da modalidade numa fase mais avançada. Tive preocupação na utilização de exercícios mais básicos para que as atletas entendessem os princípios básicos do futsal. Embora tivesse um maior acompanhamento das atletas mais novas, todo o processo das restantes atletas foi, também, por mim acompanhado.

Tendo em conta os treinos e a própria competição, penso que contribuí positivamente, auxiliando o professor responsável e transmitindo às atletas, a meu ver, da melhor maneira possível e a maior número de aspetos a melhorar na sua prestação, tanto como atletas como pessoas. Penso que a comunicação, posicionamento, intervenção prática e *feedback* são pontos favoráveis à minha prestação nesta área de lecionação. É de salientar que a equipa atingiu o objetivo, assegurando a passagem à fase distrital, disputada na cidade de Castelo Branco, da qual alcançaram a 2ª classificação.

Corta mato - fase escolar

O dia 23 de novembro deu lugar ao corta mato escolar, atividade que ficou ao encargo do grupo de EF. As três primeiras classificações de cada escalão - feminino e masculino - tiveram acesso à prova de fase distrital, disputada na cidade de Castelo Branco.

Os alunos trataram da sua inscrição junto do respetivo professor de EF, durante as aulas antecedidas e, após seleção dos alunos por turma - na possibilidade do número elevado de inscrições - realizaram a prova de acordo com o seu escalão etário.

Os grupos de EF e de estagiários distribuíram-se de forma a auxiliar, da melhor maneira, a organização, sendo que se dispuseram pelos vários pontos - na organização de cada turma e respetiva distribuição dos dorsais; no percurso, de forma a indicá-lo a alunos menos atentos; na fase de aquecimento de cada escalão; na partida; na organização dos alunos consoante a sua chegada à meta; na distribuição do reforço alimentar e no processo de afixação dos resultados logo após as provas.

A totalidade das provas teve a duração de aproximadamente 2.30h, sendo que acabou perto das 12.30h.

Corta mato - fase distrital

Sucedido após o corta mato - fase escolar, no dia 4 de fevereiro realizou-se o corta mato - fase distrital, na cidade de Castelo Branco.

O encontro de alunos e professores foi feito junto à entrada da escola e, logo após a confirmação da presença dos alunos, deu-se a saída da escola. O grupo deu entrada no recinto de provas sensivelmente às 10h, local onde foi feita a distribuição dos alunos por professores e atribuição dos dorsais. Cada professor responsável por grupo encaminhava-o para o aquecimento e reconhecimento do percurso, assim como supervisionava as provas e recolhia os dorsais no final destas.

Logo que concluídas todas as provas e após reunião de todos os alunos, foi distribuído o reforço alimentar e, de seguida, o regresso à escola. Apenas, a nível individual, uma medalha de prata foi conseguida por uma aluna no escalão juvenil, sendo que a segunda melhor classificação escolar foi a 4ª classificação no escalão infantil A masculino. Coletivamente a escola alcançou a 1ª classificação no escalão iniciado feminino. Dito isto, apenas um aluno participará no corta mato - fase nacional.

Mega Sprint; Mega Salto; mega Kilómetro - fase escolar

O grupo de EF empenhou-se, também, para a realização das atividades de Mega Sprint, Mega Salto e Mega Kilómetro. Existe ainda o Mega Lançamento mas, particularmente, nesta atividade não houve participação por parte dos alunos da escola.

As atividades realizaram-se no dia 25 de fevereiro e teve início às 10h. As provas de Mega Sprint e Mega Salto foram realizadas simultaneamente sendo que, a prova de velocidade iniciou-se pelos escalões mais baixos e a prova de salto pelos escalões de maior faixa etária. Para tais provas sucederam-se fases de apuramento, de cada escalão, até se encontrar o melhor aluno de cada escalão. A prova de resistência foi realizada apenas após terminadas todas as provas anteriores e, logicamente houve apenas uma única prova que deu acesso direto à fase distrital, disputada na cidade da Covilhã.

A responsabilidade dos membros organizativos passou pela organização e chamada dos escalões e dos concorrentes de cada prova, do aquecimento antes da partida, da partida, da classificação da prova e respetivo apuramento à fase seguinte, da afixação dos resultados e respetiva comunicação aos alunos e da distribuição do reforço alimentar. Por fim, e no final de todas as provas de cada atividade, foram entregues medalhas aos 3 melhores classificados e todos colaboraram na arrumação do material.

Mega Sprint; Mega Salto; Mega Kilómetro; Mega Lançamento - fase distrital

A realização destas atividades teve lugar na cidade da Covilhã, no Complexo Desportivo, no dia 8 de março.

Nesta fase distrital os professores acompanhantes dos alunos tiveram apenas a função de distribuição do reforço alimentar e de supervisão dos alunos. Estes esperavam a vez da sua prova nas bancadas, junto dos professores. Acabadas as provas dirigiam-se novamente para junto dos professores e davam apoio aos colegas que realizavam ainda provas. Também nesta fase as provas de Mega Lançamento não foram realizadas por parte de nenhum aluno da escola já que nenhum se apurou para tal na fase escolar.

Pessoalmente, só estive presente nas provas da manhã já que, da parte da tarde continuei com a minha função principal de lecionação de aulas.

Torneio de badminton

O torneio de badminton esteve ao encargo do professor Marco Mesquita, responsável pela respetiva modalidade no DE. Ocorreu no dia 5 de dezembro e teve como lugar o pavilhão escolar, que foi dividido em 12 campos devidamente e previamente assinalados.

O torneio dirigiu-se a toda a comunidade escolar - alunos, professores e funcionários - , de forma individual, sendo que a divisão foi feita por escalões etários. Durante toda a tarde - desde as 14.30h até às 18h - decorreram jogos e todos os escalões procederam ao mesmo sistema de apuramento à fase seguinte e, conseqüente final.

Como membro auxiliar do torneio, estive responsável pela arbitragem de jogos, embora os alunos contribuíssem também para esta função. Desempenhei, também, a função de afixação dos resultados e, por final, a arrumação do material.

Caminhada/Corrida Solidária

A atividade da caminhada/corrida solidária é um projeto da Associação de Médicos do Mundo, o qual pede a participação voluntária da comunidade escolar. Cada participante dá o seu contributo que servirá para ajuda na prevenção do vírus da sida, em Moçambique.

Os alunos efetuaram a sua participação junto do DT e, no dia 28 de maio deu-se a realização da atividade. Esta deu-se conjuntamente com as escolas da Gardunha e Xisto e ocupou toda a manhã.

Os alunos foram organizados por turma e atribuídos a um responsável. Cada turma e responsável realizaram a atividade a par para que um maior controlo fosse feito. A saída deu-se às 9.30h e toda a comunidade envolvida seguiu o percurso até à escola da Gardunha. Alunos da escola referida ingressaram na atividade e mostraram o restante do percurso aos que os seguiam. Intervaladamente a caminhada parava para reorganização do grupo e para reforço alimentar.

Após realizado todo o percurso e chegada à escola da Gardunha, tofo o grupo envolvido teve a oportunidade de frequentar aula de grupo - Body Combat e Zumba. Após a conclusão das duas diferentes aulas de cariz desportivo, os alunos foram reencaminhados para a escola de onde tiveram o ponto de partida. A chegada deu-se sensivelmente às 13h, hora exata para os participantes encontrarem ainda o seu meio de transporte de regresso a casa, em muitos casos.

3.6.2. Atividades do grupo de estágio

Fim-de-semana Radical

No decorrer da disciplina de Seminário de Investigação de Ciências do Desporto I, como elemento do grupo de estágio estive inserida num projeto com vista a organizar um fim-de-semana diferente, com atividades de cariz radical, na Serra da Estrela. Para o projeto foram selecionadas três das cinco turmas pertencentes à lecionação dos estagiários (9ºG,11ºGPI,12ºLH). Durante o fim-de-semana, os alunos foram acompanhados e apoiados por todos os elementos do grupo de estágio em cada, por um professor que se disponibilizou logo à partida e pelo professor orientador da escola.

A atividade *Fim-de-semana Radical*, por nós assim batizado, decorreu nos dias 16 e 17 de fevereiro, e englobou a participação, para além da docência envolvida, quarenta alunos.

A partida deu-se no dia 16 de fevereiro, pelas 7.15h, junto á entrada da escola. Da escola seguimos viagem até à Pousada da Juventude das Penhas da Saúde. Aquando da viagem foi atribuído a cada aluno uma fita identificativa para um melhor reconhecimento à distância de todo o grupo. Todos os bens foram deixados na pousada e daí dirigimo-nos à Estância Vodafone para realizar a primeira atividade programada. À chegada foram dadas as informações necessárias aos alunos sobre o material, o *fourfait* e todas as indicações referentes aos grupos e às atividades em questão, não esquecendo da hora de almoço. Após separação dos alunos por modalidade - Ski e Snowboard - e a requisição do material, o grupo deslocou-se para a pista e foi orientado por um orientador profissionalizado durante toda a manhã. Após a manhã e como divisão entre aula e *fourfait*, foi realizado um intervalo para almoço e um pouco de descanso. Da parte da tarde, após o almoço e até às 16.30h, todo o grupo usufruiu das pistas para pôr em prática os seus conhecimentos desportivos na neve.

Após entrega do material e reunião junto ao autocarro, encaminhamo-nos novamente para a pousada por volta das 17h, onde foi realizado o *check-in* e deu-se a distribuição dos alunos e professores por quartos, antecipadamente já pensada. Da hora de chegada até à hora de jantar, cada um se encarregou da sua higiene e distribuição por quartos. O jantar foi servido às 19h e após este o grupo reuniu-se todo na sala de convívio do edifício para momentos de lazer e para o sorteio das rifas que serviram para angariação de fundos para ajuda do pagamento da viagem aos alunos. A recolha para os respetivos quartos deu-se às 00.00h, para descanso para o dia de atividades seguinte.

Às 8.30h de domingo todo o grupo se reuniu na cantina para o pequeno-almoço e às 9.30h iniciou-se a viagem até ao próximo ponto de atividades.

Já na cidade da Covilhã realizou-se as atividade de *paintball* e caminhada. O grupo foi dividido por dois subgrupos, acompanhados pelos respetivos professores, e encaminhado para uma das atividades. Aquando da participação de um grupo na atividade de *paintball*, o outro grupo realizava uma caminha seguindo um percurso previamente traçado e reconhecido, e vice-versa. A participação de cada subgrupo nas atividades predefinidas foi reduzida devido às condições climatéricas. Posto isto, os professores juntamente com os elementos da empresa

organizadora decidiram um menor tempo de participação mas a passagem de cada grupo pelas duas atividades.

Devido, então, às condições climatéricas, a viagem de regresso á escola foi antecipada para as 14h, onde os alunos professores esperaram que todos os alunos estivessem devidamente acompanhados.

4. Reflexão

De uma forma sucinta, o EP foi fruto de grande trabalho e dedicação e mostrou-se bastante importante para a conclusão deste ciclo de estudos e para a aquisição das competências necessárias à profissionalização na área. Como supramencionado, o melhoramento de competências e aquisição de outras foi possível durante todo este processo, fazendo-me crescer profissional e pessoalmente. Muitas foram, também, as dificuldades e os obstáculos a contornar para a conclusão do mesmo.

Apesar do grupo de estágio ser constituído, em parte, por amizades já formadas, discordância, conflitos e discussão são sempre aspetos inerentes a um grupo de trabalho. A divergência de ideias face aos temas gerou, em momentos, algum conflito saudável, resolvido com críticas construtivas, chegando sempre a uma conclusão por todos aceite. Devido a situações sucedidas, o meu poder de adaptabilidade e flexibilidade face aos outros foi um ponto bastante desenvolvido, assim como a aceitação de críticas construtivas por parte dos colegas.

A avaliação foi, para mim, um aspeto bastante difícil de adaptação e exigiu bastante ajuda por parte do professor Luís Moreira, orientador de escola, e dos meus colegas que comigo trocaram ideias e conselhos.

Outro aspeto foi a aquisição de bibliografia devida para o fundamento deste documento. Foi necessária bastante pesquisa e aprofundamento da matéria. Tal pesquisa passou também para fundamentar e conhecer mais profundamente os conteúdos de cada UD. Senti necessidade de conhecer teoricamente as modalidades devido ao facto de, no curso de licenciatura, não serem abordados tais conteúdos.

É importante referir que a vertente da direção de turma se tornou difícil inicialmente, mas que foi ultrapassada. Apenas no 3º período tive contato com a diretora de turma, à exceção das reuniões de conselho de turma. O contrário manifestou-se na vertente do DE já que não foram sentidas dificuldades significativas, pois o meu comportamento e conhecimento já estavam, por experiências passadas, adaptadas às situações.

Ao contrário das reuniões de conselho de turma, todo o grupo de estágio não presenteou as reuniões de grupo disciplinar e de departamento. Apresento como aspeto negativo já que estas tratam assuntos referentes a intervenções e decisões referidas à disciplina de EF, tratam também projetos e atividades a desenvolver durante o ano, daí ser da opinião que seria importante a participação do grupo de estágio, ate porque faria parte,

também, da experiência, da aquisição de conhecimentos e ainda, possivelmente, da formação de opiniões.

A escrita e a passagem para o papel de todas as vivências passadas em EP foi um ponto difícil já que este apenas retrata parte das experiências. Desta forma foi necessário colocar à prova a capacidade de síntese e transferência apenas dos aspetos mais importantes.

Por último, menciono como aspeto negativo o facto de o estágio não ser remunerado, obrigando a um maior esforço por parte de quem sempre me apoiou, também, financeiramente. A lecionação apenas de uma turma pode ser vista como um ponto impeditivo de uma maior experiência e aquisição de conhecimentos necessários à profissionalização futura.

Mas nem tudo foram aspetos negativos neste processo. Aliás, mais foram os aspetos positivos do que os negativos. A concretização de todos os objetivos traçados foi cumprida. Houve, pelo menos, a tentativa de garantir aos alunos o máximo de competências destinadas à disciplina de EF, fazendo uma boa gestão da aula e do seu clima, tendo sempre em conta estratégias para a motivação dos alunos. Foi notada uma evolução no que diz respeito às UD e despertei, em parte, o gosto dos alunos pelo desporto e pelo seu crescimento pessoal e académico, como a progressão de estudos.

A principal aprendizagem deu-se ao nível da intervenção pedagógica, onde senti grande evolução. Foi ganha certa maturidade, rotinas e estratégias de modo a facilitar a adaptação ao meio e aos problemas surgidos. Perante situações mais anómalas no contexto de aula, penso que resolvi da melhor maneira, passando aos alunos a ideia que o comportamento por eles tomados não foi o mais correto e que consequências dele são tomadas. Tentei, em todo o caso, resolver todas as divergências ainda em tempo de aula, nunca sendo necessário elevar o nível de consequência face a problemas surgidos.

A estruturação de todo o planeamento e a adaptabilidade dos conteúdos às dificuldades dos alunos também foi um aspeto positivo e que cresceu ao longo do EP. Tal adaptação deveu-se ao facto do conhecimento dos alunos e da interação com eles consequentes da relação professor-aluno. Este ponto mostrou-se bastante proveitoso já que foi possível um bom relacionamento com a turma.

Todos os trabalhos solicitados pelo orientador de escola serviram para um melhor conhecimento da realidade escolar. Tais testemunhos servirão de suporte à minha profissionalização na área e, também, à concretização deste documento.

A participação em grande parte das atividades extra curriculares foi, também, um ponto positivo já que proporcionou o envolvimento com toda a comunidade escolar, o conhecimento da cidade onde se insere a escola e, consequentemente, a gestão de um grande grupo de alunos fora da estrutura da escola, que obrigou à adaptação das estratégias traçadas anteriormente. Proporcionou, também, a aquisição de boas ideias para projetos futuros na área.

A instrução, a gestão e o clima foram pontos que sofreram evolução com o decorrer dos períodos. Nem sempre foram fáceis mas com o tempo aperfeiçoaram-se e permitiram, desta forma, uma melhor lecionação.

A semana completa de lecionação, isto é, na semana sobre a qual me responsabilizei por todas as aulas e todas as turmas, de todo o grupo, penso que foi uma mais-valia já que aproximou o estágio da realidade o mais possível. Obrigou a um maior conhecimento sobre a turma, sobre os conteúdos conseguidos e encontrar estratégias para o bom funcionamento e instrução da aula. penso que tudo foi bem conseguido, apesar de nas turmas de 5º ano ser mais difícil o controlo e requer bastante mais atenção e supervisão por parte do professor.

5. Considerações finais

A aprendizagem é, portanto, uma variável não observável, que vislumbra pelo comportamento expresso.

(Sarmiento, 2004)

Face aos últimos dez meses e a todo o trabalho realizado, nomeadamente o EP, contribuiu, sem qualquer sombra para dúvida, para a minha aprendizagem e para o meu crescimento enquanto profissional de EF. Posto isto, é possível retirar algumas conclusões.

A vivência desta experiência permitiu adquirir competências práticas que complementam o reportório teórico requisitado ao longo dos últimos cinco anos - licenciatura em Ciências do Desporto e metrada em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários. Após a aquisição dos conceitos teóricos, surgiu a necessidade experimental dos mesmos e a sua aplicação prática.

Por entre todas as dificuldades encontradas, geraram-se oportunidades para evoluir e de aprender algo novo, assumindo esses mesmos obstáculos como testes de reforço às minhas potencialidades e superação de limitações. Tais obstáculos serviram apenas de ajuda à minha subida e ao alcance dos meus objetivos, nunca ao impedimento de tirar o melhor proveito de qualquer oportunidade.

Concluo, desta forma, que, apesar do relato deste EP se encontrar neste documento, na realidade, todas as atividades desenvolvidas tiveram um carácter global, todas com o objetivo comum e, desta forma, todas interligadas. Este documento não traduz todas as experiências vividas mas é um suporte de avaliação e uma análise sintética de todo o EP.

6. Referências bibliográficas

Abrantes, J. citado por Martins, J. (2009) - Diapositivos apresentados no 2º ciclo de estudos do Mestrado Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade da Beira Interior.

Aranha, A. (2004). *Organização, Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Vila Real: UTAD.

Bento, J. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.

Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J., Carvalho, L. (2001) *Programa de Educação Física Ensino Básico 3º Ciclo*. Ministério da Educação e Ciência

Portaria n.º 921/92 - Competências do diretor de turma. (1992). Lisboa. Recuperado em 31 maio, 2013, de <http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=19923110%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11=Portaria&v12=921/92&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar>

Projeto Educativo de Escola (2009). *Projeto Educativo de Escola (2009-2013)*. Escola Secundária c/ 3º Ciclo do Fundão.

Rosado, A. (1999). Léxico Comentado de Planificação e Avaliação. Recuperado a 25 de Junho de 2010 de <http://home.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/lexico2.htm>

Ribeiro, L. (1999). Tipos de Avaliação. *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora. (pp. 75-92; 75-92).

Sarmento, P. (2004). *Pedagogia do Desporto e Observação*. Lisboa: FMH Edições

Siedentop, D. (1991). *Developing teaching skills in physical education*. 3rd edition. Mountain View

Siedentop, D. (2008). *Aprender a Enseñar la Educación Física*. (2ª ed.) Barcelona: INDE Publicaciones

Sousa, J. (1991). *Pressupostos, princípios e elementos de um modelo de planeamento em Educação Física*. Revista Horizonte, Vol. VIII, n.º 46.

Universidade da Beira Interior (2009). *Regulamento de Estágio Pedagógico de Educação Física*

Universidade da Beira Interior (2010). *Cursos 2º Ciclo - Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário*. Covilhã. Recuperado em 30 maio, 2013, de <https://www.ubi.pt/Curso.aspx?CodigoCurso=911>

Ministério da Educação (2009). *Programa do Desporto Escolar para 2009-2013*. Recuperado em 1 de junho, 2013, de http://www.drec.min-edu.pt/repositorio/Programa_Desporto_Escolar_2009_2013.pdf

Capítulo 2

A Influência da Avaliação na Motivação nas Aulas de Educação Física, no Ensino Secundário

The Influence of Evaluation on Motivation in Physical Education Classes in High School

Brito, A.^{1,2}; Pereira, A.^{1,3}; Ribeiro, B.^{1,4}; Ferreira, C.^{1,5}; Fernandes, I.^{1,6}

¹UBI: Universidade da Beira Interior

² anabrito-2@hotmail.com

³ neia1987@hotmail.com

⁴ bruno_4737@hotmail.com

⁵ catia.martinsferreira@hotmail.com

⁶ inesfernandes@outlook.com

Introdução

Segundo Ferreira (2005), a motivação era um termo usado para representar as razões que levavam os indivíduos a selecionar diferentes atividades, a persistirem nelas e a efetua-las com mais ou menos intensidade.

Para Siguan (ct. Por Ferreira J., 2005), sem motivação não há movimento, nem atividade psíquica, nem é possível o comportamento embora, também, através dela, se tentem explicar fenómenos para os quais a investigação não encontra respostas.

Atualmente, vários métodos de ensino foram testados para que os alunos obtenham os melhores resultados possíveis; a motivação é um dos casos. Lee e Silverman (1991) defendem que a motivação foi muito estudada dentro de salas de aula mas que existe uma escassez de pesquisa relacionada com a motivação para participação na disciplina de Educação Física (EF).

A teoria da autodeterminação pode ser bastante útil na compreensão dos comportamentos na EF já que identifica três tipos de motivação - desmotivação, motivação extrínseca e a motivação intrínseca (Deci et al, 1985). De acordo com esta teoria, o comportamento humano é motivado por três necessidades básicas - autonomia, competência e relações. Isto é, os alunos necessitam de sentir que possuem uma certa liberdade para agir, que podem realizar atividades eficazmente e, simultaneamente, relacionarem-se com o meio que os envolve (Deci et al, 1985; Ryan et al, 2000). Nesta teoria argumenta-se que os indivíduos podem ser diferentes mas, quando estes são intrinsecamente motivados ou extrinsecamente motivados, encontram-se aptos para realizar a atividade. A motivação intrínseca reflete situações onde os indivíduos realizam atividades para aprender novos conhecimentos, desenvolver competências ou, simplesmente, pela experiência divertida que

atividade pode proporcionar. Em contraste, a motivação extrínseca descreve situações onde os indivíduos realizam atividades como meio de alcançar resultados desejáveis.

Relativamente à motivação extrínseca existem quatro tipos de motivação - regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada e regulação integrada (Vallerrand et al, 2001). Regulação externa refere-se a situações onde os indivíduos realizam tarefas com o objetivo de receber recompensas ou porque se sentem pressionados e constrangidos a fazê-lo. Como exemplo, os alunos participam nas aulas de EF porque esta é obrigatória. (Deci (1985) e Ryan (2000). Na motivação introjetada os indivíduos realizam atividades para evitar sentimentos de culpa e ansiedade ou para agradar a outros, como o aluno participar na aula de EF de forma a agradar o professor, para evitar sentimentos de culpa associados à não participação. A regulação identificada sugere que o indivíduo pratica uma modalidade sem que inicialmente mostre interesse, mas realiza-a uma vez que encontra um fator que, a nível pessoal, ache importante (p.e. os alunos podem considerar a flexibilidade do corpo como uma habilidade importante, portanto, decidem participar ativamente nas aulas de ginástica, embora não tenham interesse pela aula). Como exemplo da regulação integrada, os alunos optam por participar nas aulas de EF porque veem a atividade física como um aspeto importante num estilo de vida saudável. No entanto, de acordo com Vallerand e Fortier (1998), consideram que este tipo de motivação não é avaliado em crianças ou adolescentes.

A motivação intrínseca move o indivíduo pelo gosto de aprendizagem e serve para aperfeiçoamento e melhoria das capacidades e, para além disso, serve para estimular experiências, ou seja, o indivíduo participa nas atividades pelo prazer e gosto de novas experiências (Vallerand, 2001).

Deci e Ryan (1991) argumentam que pode haver um estado de desmotivação para a realização de atividades. Desmotivação refere-se à ausência intrínseca ou extrínseca, isto é, quando os indivíduos não valorizam uma atividade ou quando não podem alcançar um resultado desejável.

Em EF, a motivação demonstra-se um fator crucial para que os alunos realizem corretamente e com interesse as atividades propostas. Segundo Gouveia (2007), sem o fator motivação, nas aulas de EF os alunos não realizarão as tarefas propostas ou irão realizá-las mal, sendo a motivação em geral a responsável.

Para além disto, existem ainda alunos que, várias vezes, não possuem motivação para a participação nas atividades da aula. Vários desses sentem que estão a desperdiçar tempo nas aulas de EF e que, no futuro, não tiram proveito destas (Coakley, citado White, 1992).

Segundo Marzinek e Neto (2007), existem vários motivos que influenciam a motivação nas aulas de EF, nomeadamente, no que toca à desmotivação, a falta de material e instalações adequadas para realização da aula, a carência de profissionais competentes, o medo de errar, as competências inadequadas e, para além disto, os problemas sociais e familiares são fatores que podem desencadear o desânimo para a prática.

Neste mesmo sentido, a desvalorização da disciplina de EF em relação à sua influência no acesso ao ensino superior é, também, um motivo de motivação. Neste novo ano letivo,

segundo o Diário da República, 1ª série - N.º155 - 10 de agosto 2012, a nota final da disciplina de EF no ensino secundário deixará de interferir no apuramento da média final, isto é, não será considerada na nota apresentada para candidatura ao ensino superior. Como novas cláusulas impostas ao que já havia sido confirmado pelo Ministério da Educação e Ciência (MEC), a contabilização da mesma para alunos que prossigam estudos na área será tida em conta. Outra medida imposta foi a contabilização dessa mesma nota para efeitos de conclusão do ensino secundário. Dito isto, a nota só não será contabilizada na nota de candidatura ao ensino superior a alunos que não sejam da área de educação física. João Lourenço, presidente do Conselho Nacional de Associações de Professores e Profissionais de Educação Física (CNAPEF), frisa que “ é um retrocesso tremendo e uma machadada no estatuto da Educação Física”. Lembra ainda que a Confederação Nacional das Associações de Pais (CONFAP) tinha anteriormente proposto a mesma medida, alegando que “muitos dos alunos do ensino secundário não têm grande destreza física”. João Lourenço responde defendendo o contrário, isto é, que alunos apoiam-se na classificação da disciplina de educação física para subirem a média. Em reforço, João Sores, professor catedrático da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP) diz que a educação física deve ser vista “uma disciplina como as outras. Com o mesmo estatuto. Se é algo que “ou se tem ou não se tem jeito” então acabem com as classificações. Eu também não tinha “muito jeito” para matemática, mas nunca serviu de atenuante.” (José Soares, 2013)

Cada vez mais se entende que, a avaliação, é um aspeto fulcral no processo pedagógico, visto que é através desta que se cristalizam mecanismos estruturais limitantes no processo de ensino-aprendizagem. Em EF, o processo avaliativo passa por compreender o processo de aprendizagem, verificando qual a origem das dificuldades, resistências e avanços existentes. É, assim, importante ter em mente o desenvolvimento da criança e do adolescente e, a partir daí, reportá-lo às suas exigências e à realidade em que os alunos estão inseridos.

Este estudo pretende, assim, expor qual a influência da avaliação na motivação dos alunos do ensino secundário nas aulas de EF, relativamente ao género e à área científica dos mesmos.

Os objetivos específicos que foram delineados são:

- Verificar qual a influência da avaliação na motivação em alunos do 10º ano;
- Verificar qual a influência da avaliação na motivação em alunos do 12º ano;
- Verificar qual a influência da avaliação na motivação em alunos do género feminino;
- Verificar qual a influência da avaliação na motivação em alunos do género masculino;
- Verificar qual a influência da avaliação na motivação nas diferentes áreas científicas do 10º ano;
- Verificar qual a influência da avaliação na motivação nas diferentes áreas científicas do 12º ano.

Como hipóteses apresentam-se:

H₀ 1 - Existem diferenças significativas na influência da avaliação na motivação entre alunos de 10º e 12º anos de escolaridade;

H₀ 2 - Existem diferenças significativas na influência da avaliação na motivação entre alunos no género feminino e do género masculino de 10º ano e 12º anos de escolaridade;

H₀ 3 - Existem diferenças significativas na influência da avaliação entre as diferentes áreas científicas de 10º ano e 12º anos de escolaridade.

Hipótese 1 - Não existem diferenças significativas na influência da avaliação na motivação entre alunos dos 10º e 12º anos de escolaridade;

Hipótese 2 - Não existem diferenças significativas na influência da avaliação na motivação entre alunos no género feminino e do género masculino de 10º ano e 12º anos de escolaridade;

Hipótese 3 - Não existem diferenças significativas na influência da avaliação entre as diferentes áreas do 10º ano e as diferentes áreas do 12º ano de escolaridade.

Metodologia

A população selecionada para o estudo em causa foi um grupo de 274 alunos do ensino secundário do Agrupamento de Escolas do Fundão, pertencentes apenas aos 10º e 12º anos de escolaridade, excetuando as turmas de curso de ensino profissional.

Amostra

A amostra é, assim, constituída por 185 alunos, dos quais 102 do género feminino, correspondentes a uma percentagem de 55.1 e 83 do género masculino, correspondentes a uma percentagem final de 44.9; subdividindo-se em 91 alunos de 10º ano (referente a 49.2% da amostra) e 94 do 12ºano de escolaridade (alusivo a 50.8% da amostra total).

Nota-se uma discrepância acentuada da amostra em comparação à população alvo. Tal diferença traduz-se pela não inscrição de todos os alunos na disciplina de EF e, numa turma ter ocorrido a exceção da distribuição desta por turnos, obrigando à separação da turma e ao não preenchimento do questionário.

Foi elaborada uma autorização direcionada aos encarregados de educação com o intuito de permitir que os seus educandos participassem no estudo, através do preenchimento de questionários (Anexo 6).

Instrumentos

O instrumento de recolha de dados utilizado foi o questionário de Kobal (1996) adaptado - Anexo 7 -, sobre a motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de EF, ao qual foram adicionadas questões relativamente à avaliação da mesma. O questionário aplicado é constituído por 6 questões sobre motivação intrínseca e extrínseca, contemplando 32 afirmações na totalidade, sendo estas 16 sobre a intrínseca e 16 sobre a extrínseca. Ao original foram acrescentadas duas questões que realçam o objetivo do trabalho, sendo estas referentes à avaliação de EF, contendo 10 afirmações na totalidade.

As afirmações são respondidas através de uma escala de LIKERT de opções: 1= “Concordo Totalmente”; 2= “Concordo”; 3= “Estou em dúvida”; 4= “Discordo”; 5= “Discordo Totalmente”.

Como ferramenta de tratamentos de dados foi usado o programa estatístico IBM SPSS Statistics 21.

Procedimentos

Para a aplicação do questionário adaptado foi necessário proceder à sua validação, implementando o mesmo a uma turma de 12ºano em dois diferentes momentos.

A direção da escola foi conhecedora e aprovadora do emprego do questionário, apoiando o estudo.

Todo o processo obrigou à pesquisa das turmas e respetivos horários, assim como dos professores responsáveis pela turma na aula de aplicação do questionário. Estes foram entregues diretamente aos professores em questão, os quais foram informados das indicações de aplicação.

O questionário foi aplicado no início da aula das 10.05h, aula do segundo bloco da manhã, devido ao facto dos alunos estarem mais predispostos - mais despertos e menos ansiosos pelo toque de saída. A terça-feira foi escolhida já que constitui a fase inicial da semana de trabalho, tendo em conta que não é o primeiro dia após o descanso e não há ansia, por parte dos alunos, pelo término da mesma.

Métodos Estatísticos

Em termos de estatística descritiva, isto é, o conjunto de métodos estatísticos que visam sumariar e descrever os atributos mais proeminentes aos dados, apresentam-se, para as variáveis de caracterização, as tabelas de frequências das distribuições dos valores

verificados e, para as variáveis das várias escalas, também as tabelas de frequências e as estatísticas relevantes.

Para as variáveis da escala de medida, os dados foram estudados pelos indicadores:

- De valores médios obtidos para cada questão;
- De valores de desvio padrão referentes a cada questão;
- De coeficiente de consistência interna;
- De coeficiente de variação;
- De tabelas ilustrativas dos valores médios e desvio padrão das várias questões.

Teste Alpha de Cronbach

Foi realizado o teste Alpha de Cronbach que permite verificar a consistência interna das variáveis, isto é, afirmam se as variáveis em causa estão ou não bem explícitas nas questões. Os valores da consistência pode variar de 0 a 1, sendo que quanto maior o valor, ou seja, perto de 1, melhor a consistência e qualidade do questionário (Maroco, 2007).

Teste t de Student

Os testes estatísticos servem para testar se a média populacional é ou não igual a um determinado valor a partir da estimativa obtida de uma amostra. Considera-se, por convenção, que o valor de 5% é um valor de referência que significa que se estabelece a inferência com uma probabilidade de erro inferior a 5%.

O teste *t de student* foi realizado, fazendo o cruzamento entre variáveis quantitativas e a variável qualitativa nominal dicotômica, com o intuito de identificar diferenças significativas entre os valores médios, que podem ser visualizados para ambos os grupos de variável nominal dicotômica. Desta forma, o teste coloca as seguintes hipóteses:

H_0 - Não existe diferença entre a média das variáveis quantitativas, para cada um dos grupos da variável dicotômica.

H_1 - Existe diferença entre a média das variáveis quantitativas, para cada um dos grupos da variável dicotômica.

Quando o valor do teste é superior 5% aceita-se a hipótese nula e refuta-se a hipótese alternativa, ou seja, existem diferenças entre os dois grupos. Quando o valor do teste é inferior a 5% rejeita-se a hipótese nula e aceita-se a hipótese alternativa, isto é, não existem diferenças entre os dois grupos. Assim, para verificarmos o nível de influência da avaliação na motivação, considera-se maior influência quanto menor a for a média obtida, pois a concordância é maior.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Para o estudo, o resultado do teste de Alpha de Cronbach foi de .889, logo a consistência interna é considerada boa.

Na Tabela 4, apresentam-se os resultados da comparação entre os anos de escolaridade, referentes à avaliação de EF. Relativamente à importância da avaliação de EF verifica-se que ambos os níveis de escolaridade praticam as aulas porque se encontram motivados para a prática desportiva e concordam que a avaliação da disciplina aumenta o seu interesse. Já no que diz respeito à influência da nota na média final de secundário, o 10º ano discorda com esta afirmação, enquanto o 12º ano concorda com a mesma. Esta afirmação vai de encontro com a legislação em vigor desde o início do ano letivo, a avaliação da disciplina de EF já não vai influenciar a média final do ensino secundário, para os alunos do 10º ano.

Analisando o facto de a avaliação não influenciar a média final do secundário, verifica-se que tanto o 10º ano como o 12º ano apresentam o mesmo grau de concordância nos parâmetros da preocupação com a classificação final da disciplina, no constante empenho e na preocupação em aprender. Denota-se que existe uma discordância coincidente entre os diferentes anos relativamente ao desinteresse para com a transmissão de conteúdos por parte do professor. Identifica-se uma discrepância na escolha das seguintes respostas: “a minha motivação diminui”, “desvalorizo a disciplina” e “desvalorizo as modalidades que não gosto”, em que os alunos 10º ano discordam, enquanto os de 12º ano demonstram o seu grau efetivo de concordância. Sem o fator motivação, nas aulas de EF os alunos não realizarão as tarefas propostas ou irão realizá-las mal, sendo a motivação em geral a responsável (Gouveia, 2007). Analisando os resultados obtidos no que toca à motivação intrínseca e extrínseca, verifica-se que, os valores da motivação intrínseca apresentam maior concordância que os da motivação extrínseca e comparando os diferentes anos, no geral, os alunos de 12º ano apresentam maior motivação intrínseca e extrínseca que os do 10º ano.

Tabela 4 - Resultados da comparação entre anos de escolaridade, referente à avaliação da EF

Avaliação de Educação Física,		N	Média	D. padrão	Teste t	p
É importante porque:						
Tem influência na média final do secundário	10º ano	90	3,8182	1,53741	5,254	,000
	12º ano	93	1,7273	,76730		
Motiva-me para a prática desportiva	10º ano	90	1,9091	1,13618	-,135	,894
	12º ano	93	1,9545	,78542		
Está presente na área de estudos que quero seguir	10º ano	90	3,7273	1,34840	-,404	,689
	12º ano	93	3,9091	1,15095		
Aumenta o meu interesse.	10º ano	90	2,8182	1,32802	1,587	,123
	12º ano	93	2,2273	,81251		
Não influencia a média final de Secundário:						
A minha motivação diminui	10º ano	90	3,5455	1,12815	1,958	,059
	12º ano	93	2,5909	1,40269		
Desvalorizo a Disciplina	10º ano	90	3,2727	1,42063	,957	,346
	12º ano	93	2,7727	1,41192		
Preocupo-me com a classificação final da disciplina	10º ano	90	2,9091	1,22103	1,610	,118
	12º ano	93	2,2273	1,10978		
O meu empenho é o mesmo	10º ano	90	2,7273	1,19087	,425	,674
	12º ano	93	2,5455	1,14340		
Preocupo-me em aprender	10º ano	90	2,4545	1,12815	,463	,647
	12º ano	93	2,2727	1,03196		
Desvalorizo as modalidades que não gosto	10º ano	90	3,3636	1,20605	1,650	,109
	12º ano	93	2,5909	1,29685		
Não dou importância ao que transmite o professor	10º ano	90	3,9091	1,13618	1,688	,101
	12º ano	93	3,1818	1,18065		

Na Tabela 5, pode constatar-se que entre os géneros do mesmo ano, o nível de resposta é idêntico. Por exemplo, no que diz respeito à importância da avaliação de EF ter influência na média final do secundário, os géneros feminino e masculino do 10º ano apresentam os valores de 3.43 e 3.87 de média, respetivamente, mostrando assim um mesmo grau de discordância, no entanto, ligeiramente superior no género masculino. Segundo Veiga (2009), durante o tempo que este trabalhou como professor de EF, concluiu que alguns alunos (género masculino e feminino) mostravam interesse em descobrir ou aprofundar as suas habilidades e conhecimentos acerca dos vários desportos, enquanto outros não se mostravam muito motivados a participar nas atividades propostas, para além destes, ainda distinguiu mais dois grupos, aqueles que apenas se mostravam preocupados com a obtenção de notas e aqueles que evidenciavam intenção em participar ou comparecer nas aulas o mínimo solicitado, de modo a garantir a sua aprovação.

Na análise da motivação extrínseca, na questão, “Não gosto das aulas de EF quando obtenho notas baixas”, os rapazes de 10º ano discordam e as raparigas concordam. O mesmo acontece na questão “Participo nas aulas de EF porque preciso tirar boas notas”, os alunos de 10º ano discordam, mas os alunos do género masculino discordam mais.

Os resultados supracitados podem dever-se ao facto de os níveis de motivação intrínseca e extrínseca dos rapazes, de 10º ano, serem superiores aos níveis das mesmas nas raparigas do mesmo ano. A motivação intrínseca é, particularmente, a mais importante na EF pois corresponde ao grau que o aluno escolhe para realizar uma atividade com o seu próprio prazer, ao invés de qualquer recompensa extrínseca (Deci & Rian, 1985). São, assim, desejáveis altos níveis de motivação intrínseca pois só assim os alunos irão participar nas aulas sem qualquer influência de fatores externos, como as notas, o professor ou a participação forçada (Ntoumanis, 2001; Standage et al, 2003), enquanto se o ensino for baseado numa motivação extrínseca, esta desaparece assim que o aluno conseguir a recompensa desejada.

Tabela 5 - Resultados da comparação entre géneros, referente à avaliação da EF

Avaliação de Educação Física,		N	Média	D. padrão	Teste t	p	
É importante porque:							
Tem influência na média final do secundário	10º	Feminino	41	3,4390	1,54998	-1,370	,174
		Masculino	49	3,8776	1,48089		
	12º	Feminino	59	1,6271	,71675	1,508	,135
		Masculino	34	1,4118	,55692		
Motiva-me para a prática desportiva	10º	Feminino	41	1,8293	,97217	-,358	,721
		Masculino	49	1,8980	,84767		
	12º	Feminino	59	1,8475	,71471	-,921	,359
		Masculino	34	2,0294	1,19304		
Está presente na área de estudos que quero seguir	10º	Feminino	41	3,7805	1,17286	2,129	,036
		Masculino	49	3,1837	1,43865		
	12º	Feminino	59	3,8475	1,18632	,672	,503
		Masculino	34	3,6765	1,17346		
Aumenta o meu interesse.	10º	Feminino	41	2,1951	1,07749	-,132	,895
		Masculino	49	2,2245	1,02602		
	12º	Feminino	59	2,2881	,91068	,111	,911
		Masculino	34	2,2647	1,08177		
Não influencia a média final de Secundário:							
A minha motivação diminui	10º	Feminino	41	3,2927	1,30851	,091	,927
		Masculino	49	3,2653	1,49688		
	12º	Feminino	59	2,9492	1,30548	,755	,452
		Masculino	34	2,7353	1,33278		
Desvalorizo a Disciplina	10º	Feminino	41	3,4634	1,34346	,123	,903
		Masculino	49	3,4286	1,33853		
	12º	Feminino	59	3,2034	1,25643	,700	,486
		Masculino	34	3,0000	1,49747		
Preocupo-me com a classificação final da disciplina	10º	Feminino	41	2,2439	1,04356	-,749	,456
		Masculino	49	2,4286	1,25831		
	12º	Feminino	59	2,5085	1,02340	,613	,542
		Masculino	34	2,3529	1,41169		
O meu empenho é o mesmo	10º	Feminino	41	2,2439	,96903	1,186	,239
		Masculino	49	2,5510	1,40032		
	12º	Feminino	59	2,4068	1,00204	-,146	,884
		Masculino	34	2,4412	1,23561		
Preocupo-me em aprender	10º	Feminino	41	2,0488	,83520	-,883	,380
		Masculino	49	2,2449	1,19949		
	12º	Feminino	59	2,1864	,81947	1,503	,136
		Masculino	34	2,5000	1,18705		
Desvalorizo as modalidades que não gosto	10º	Feminino	41	3,1707	,99756	-,834	,407
		Masculino	49	3,3673	1,20232		

De acordo com a Tabela 6, quanto à importância da avaliação da EF, no que diz respeito à área científica, existe uma conformidade nas respostas em análise, subsistindo uma

concordância quanto à motivação para a prática desportiva e ao aumento de interesse para com a disciplina. Relativamente à influência da avaliação na média final do secundário, verifica-se que dentro de cada área há divergências entre os níveis de escolaridade, sendo que o 10º ano discorda desta afirmação, contrariamente ao 12ºano.

No que diz respeito à influência da avaliação na média final de secundário, as áreas científicas discordam que a sua motivação diminuirá, à exceção do 12º LH e 12º AV. A maioria das áreas discorda com a desvalorização da disciplina se a avaliação não contar para a média final de secundário, à exceção do 10º LH e AV, 10º e 12º CT. Quanto às questões que foram aplicadas, “Preocupo-me com a classificação final da disciplina”, “O meu empenho é o mesmo” e “Preocupo-me em aprender” existe uma unanimidade nos resultados, já que todos os alunos das diferentes áreas analisadas concordam com as afirmações. Na desvalorização das modalidades que os alunos não gostam, só a turma 12º LH e 12º AV é que concordam com esta afirmação, encontrando-se as restantes áreas em desacordo. Mediante as três áreas de estudo, os alunos dos diferentes anos de escolaridade demonstram um mesmo consenso no seu desacordo relativamente a importância da transmissão de conhecimentos por parte do professor.

No que diz respeito à motivação extrínseca, os alunos da área de CT e AV, do 10º ano, apresentam maior discordância na questão, “Participo nas aulas de EF porque preciso tirar boas notas”. Na motivação intrínseca a área de AV apresenta discordância na questão, “Não gosto das aulas de EF quando exercito pouco o meu corpo”, o que faz entender que a atividade física praticada nas aulas e o bem-estar físico que esta transmite não os motiva para a prática.

Tal como as restantes disciplinas, a EF é também uma área de conhecimento onde o professor deve considerar ponto de vista dos alunos, os significados e valores que estes vinculam às várias atividades do ensino. É, portanto, imprescindível a participação do aluno nesta, pois este interfere bastante no desenvolvimento da aula. Deste modo, conhecendo ou identificando os motivos para a prática, poderá auxiliar no desenvolvimento do aluno e, também, do professor, no desenvolvimento da aula.

Tabela 6 - Resultados da comparação entre áreas científicas, referentes à avaliação da EF

Preocupo-me com a classificação final da disciplina	LH	10º	11	2,9091	1,22103	1,610	,118
		12º	22	2,2273	1,10978		
	CT	10º	60	2,3051	1,20708	-,352	,725
		12º	56	2,3818	1,11373		
	AV	10º	20	2,1500	,93330	-	,034
		12º	16	3,0000	1,36626		
O meu empenho é o mesmo	LH	10º	11	2,7273	1,19087	,425	,674
		12º	22	2,5455	1,14340		
	CT	10º	60	2,2542	1,24004	-,001	,999
		12º	56	2,2545	1,07528		
	AV	10º	20	2,7000	1,17429	-,307	,761
		12º	16	2,8125	,98107		
Preocupo-me em aprender	LH	10º	11	2,4545	1,12815	,463	,647
		12º	22	2,2727	1,03196		
	CT	10º	60	2,1525	1,12669	-,152	,879
		12º	56	2,1818	,90453		
	AV	10º	20	2,0000	,72548	-	,017
		12º	16	2,7500	1,06458		
Desvalorizo as modalidades que não gosto	LH	10º	11	3,3636	1,20605	1,650	,109
		12º	22	2,5909	1,29685		
	CT	10º	60	3,2034	1,17120	,915	,362
		12º	56	3,0000	1,20185		
	AV	10º	20	3,4500	,88704	4,004	,000
		12º	16	2,3125	,79320		
Não dou importância ao que transmite o professor	LH	10º	11	3,9091	1,13618	1,688	,101
		12º	22	3,1818	1,18065		
	CT	10º	60	3,6949	1,26292	,359	,720
		12º	56	3,6182	,99053		
	AV	10º	20	4,1000	1,02084	2,826	,008
		12º	16	3,0000	1,31656		

Este estudo foi realizado a alunos do 10º e 12º ano do Agrupamento de Escolas da cidade do Fundão, pertencente ao distrito de Castelo Branco, esta possui características inerentes e diferentes das restantes zonas do país. Por isto, pensa-se que os resultados poderão ser diferentes nas restantes zonas nacionais, pois, sendo esta uma região mais rural, onde existem diferentes condições ambientais, materiais e humanas, não será correto proceder à generalização dos resultados, sendo que, assim, o estudo não terá validade externa.

Inicialmente, tinha sido idealizado abranger este estudo a mais escolas pertencentes ao distrito de Castelo Branco, permitindo, assim, uma maior amostra. Isto iria permitir uma análise mais aprofundada deste tema. No entanto, surgiram controvérsias não só acerca das autorizações - em conformidade com a direção da escola decidiu-se não as distribuir -, mas também no que diz respeito à aplicação dos questionários em escolas às quais os investigadores não possuíam acesso direto. Dito isto, a população amostral deste estudo é reduzida, o que impede que se possam generalizar conclusões.

Com o decorrer do estudo denotou-se que o número de amostras não era proporcional, ou seja, que os números de amostras por variável apresentavam diferenças significativas, impedindo, assim, que fosse possível de retirar resultados mais conclusivos.

Conclusões

O intuito deste estudo foi verificar qual a influência da avaliação na motivação dos alunos nas aulas de EF, diferenciando os anos de escolaridade em estudo, 10º e 12º ano, os géneros, feminino e masculino, e as áreas científicas, LH, CT e AV.

Na primeira hipótese - existem diferenças significativas na influência da avaliação na motivação entre alunos do 10º e 12º ano de escolaridade - pode verificar-se que os alunos do 10º ano assumem que a avaliação não tem influência na média final de secundário, contrariamente ao 12º ano. No entanto, os alunos do 10º ano apresentam níveis positivos de motivação para a prática desportiva, no respeito ao professor e à disciplina, tal como o 12º ano. Isto pode dever-se aos níveis positivos de concordância nas questões de motivação intrínseca e extrínseca. Assim, conclui-se que, embora os alunos do 10º ano, que já se encontram dentro da nova legislação, não assumam que a avaliação seja importante, continuam motivados para a prática, refutando-se assim esta hipótese.

Na segunda hipótese - existem diferenças significativas na influência da avaliação entre alunos do género feminino e do género masculino, do 10º e 12º ano - pode observar-se que tanto o género feminino como o género masculino apresentam graus de concordância ou discordância muito idênticos, isto é, não se verificam quaisquer diferenças significativas. No entanto, nos graus de motivação intrínseca e extrínseca os rapazes apresentam níveis de motivação um pouco superiores às raparigas, o que pode justificar algumas das opções tomadas nas questões da avaliação de EF. Deste modo, a hipótese é refutada.

Na terceira hipótese - existem diferenças significativas na influência da avaliação entre as diferentes áreas científicas do 10º e 12º ano - pode constatar-se que não existem diferenças significativas na concordância e discordância das questões. Pode concluir-se, então, que a hipótese inicial é refutável. No entanto, em algumas questões pode verificar-se diferenças na concordância entre as áreas LH e AV em relação à área de CT. Isto pode dever-se ao facto dessa área, ao abranger um maior número de opções futuras, sendo uma delas, as Ciências do Desporto, influenciar positivamente as escolhas nas respostas.

Tais conclusões deixam bem claro que, mesmo com a nova legislação, a motivação e o interesse dos alunos nas aulas de EF não diminuí. Isto prova que os alunos têm mais consciência do valor da disciplina do que os membros de estado que apoiaram e legislaram a opção da avaliação de EF deixar de contar para a média final de secundário.

Referências Bibliográficas

- ✓ Coakley, J., & White, A. (1992). Making decisions: Gender and sport participation among British adolescents. *Sociology of Sport Journal*, 9, 20-35.
- ✓ Deci, E.L., & Ryan, R.M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.
- ✓ Ferreira, J. P. O. C. (2005). A importância da motivação nas aulas de educação física: estudo com alunos do 2º ciclo do ensino básico. Departamento Ciências do Desporto. Covilhã, Universidade da Beira Interior. 2º.
- ✓ Kobal, M. C. (1996). *Motivação Intrínseca e Extrínseca nas Aulas de Educação Física*. Campinas-SP. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas
- ✓ Maroco, J (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições sílabo
- ✓ Ntoumanis N., A self-determination approach to the understanding of motivation in physical education. *Brit J Educ Psychol*, 2001, 71, 225-242.
- ✓ Ryan R.M., Deci E.L., Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. *Am Psychol*, 2000, 55(1), 68-78.DOI: 10.1037/0003-066X.55.1.68.
- ✓ Silverman, S. (1991). Research on teaching in physical education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 64, 352-364.
- ✓ Soares, J. (2013). *O desporto nas crianças. O papel da escola*, disponível em <http://www.josesoares.pt/2013/04/o-desporto-nas-criancas-o-papel-da.html>
- ✓ Standage M, Duda J.L., Ntoumanis N., A model of contextual motivation in physical education: Using constructs from selfdetermination and achievement goal theories to predict physical activity intentions. *J Educ Psychol*, 2003, 95(1), 97-110.
- ✓ Vallerand, R. J., & Fortier, M. S. (1998). Measures of intrinsic and extrinsic motivation in sport and physical activity: A review and critique. In J. L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 81-101). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.
- ✓ Vallerand R.J., Rousseau F.L., Intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise: A review using the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. In: Singer R.N., Hausenblas H.A., Janelle C.M. (eds.), *Handbook of sport psychology*, 2nd Ed. John Wiley & Sons, New York 2001, 389-416.
- ✓ Veiga, O. (2009). *Percepção e Motivação dos alunos Adolescentes para as aulas de Educação Física*, Hamburgo.

Anexos